



RECORTES DE IMPRENSA

FEVEREIRO 2012

APAV[®]



associação portuguesa de
Apoio à Vítima

ISO 9001

BUREAU VERITAS
Certification

Nº PT 000 251



COM O APOIO:



» **APAV**

«Corta com a violência – Quem não te respeita não te merece»

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lançou em Janeiro a campanha «Corta com a Violência: quem não te respeita não te merece». O objetivo desta campanha é sensibilizar, em particular os mais jovens, para algumas formas de violência que têm lugar no contexto escola, designadamente o *bullying*, a violência sexual e a violência no namoro. A abordagem é preventiva, simples e não se limita a evidenciar factos, é sim promotora de uma atitude: «Quem não me respeita não me merece».

Por outro lado, procurou-se chamar a atenção para formas de violência mais

subtis e frequentemente menos valorizadas, não apenas pelos jovens, mas também pela comunidade em geral: o gozo, a humilhação e intimidação, os comentários e toques de natureza sexual e as atitudes controladoras nos relacionamentos de namoro. Ainda que usualmente menos graves em termos de impacto físico, sabe-se que a utilização e tolerância a estes comportamentos podem preceder a ocorrência de atos de violência mais graves.

A APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima, e da sua rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens através da sua ação junto dos alunos no seio da comunidade escolar; o alerta é dado para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Esta nova campanha de sensibilização, desenvolvida mecenaticamente pela agência «Cupido», será comunicada através de diversos formatos, em diferentes meios: *spots* televisivos, rádio, imprensa, cartazes e folhetos (distribuição pela comunidade escolar) e web/internet.





ID: 40306747

01-02-2012

QUEM NÃO TE RESPEITA NÃO TE MERECE

APAV promove atitude “Quem não te respeita não te merece”

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou a campanha “Corta com a Violência: quem não te respeita não te merece”, que tem por objetivo sensibilizar para algumas formas de violência que têm lugar no contexto escolar. Através de uma abordagem “preventiva e simples”, a campanha procura promover uma atitude: “Quem não me respeita não me merece.”

Desenvolvida em regime pro bono pela agência Cupido, esta campanha de sensibilização está a ser comunicada através de spots (RTP e YouTube), na rádio (dos grupos RTP e r/com), imprensa, cartazes e folhetos de distribuição massiva pela comunidade escolar, bem como na web.



ID: 39978122

02-02-2012

Mais direitos para as vítimas de crime

JOANA MARQUES VIDAL

PRESIDENTE DA APAV

As vítimas de crimes têm de ser mais protegidas e os familiares destas passam a ser considerados igualmente vítimas. Estas e outras questões vão estar em debate hoje, no seminário "O futuro dos direitos das vítimas na nova agenda da União Europeia", organizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), presidida por Joana Marques Vidal. O seminário decorre no Porto, com a presença de vários especialistas.



REPORTAGEM. CASOS IMPRESSIONANTES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

AGRESSORES COM VIDA DUPLA

Em público são simpáticos, prestáveis e sedutores. Em casa são violentos, ciumentos e manipuladores. É raro serem denunciados. **Por Raquel Lito / Ilustrações Alex Gozblau**

Era um bom vizinho, um ótimo tio e um excelente oficial de guerra. À chegada ao aeroporto militar de Figo Maduro, o tenente-coronel, de 42 anos, dirigiu-se logo à mulher. Tinha estado três meses numa missão no exterior e parecia impaciente. Seguiram para o carro, mas nem saíram do estacionamento. A mulher, professora do liceu, de 36 anos, magra e de olhos castanhos expressivos, tentou acalmá-lo. Ele violou-a ali mesmo, dentro do carro. A seguir deu-lhe duas bofetadas e fez-lhe uma ameaça: “Se não queres é porque estás farta, mas vou descobrir. Quem é ele? Eu mato-te, mato-o e depois mato-me a mim!”

Ninguém suspeitava desse lado do militar, que se agravava nos últimos dois anos – aquilo a que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) define como “ciclo de violência doméstica”, com base na “manipulação emocional”. É mais difícil de detectar em agressores com um comportamento público irrepreensível, o que leva as vítimas a temerem um escândalo social.

O tenente-coronel terá jogado com isso. Nas missões era voluntarioso – e corajoso. “Foi várias vezes condecorado e teve uma rá-

pida progressão na carreira”, descreve à SÁBADO a advogada de acusação, Fidélia Proença de Carvalho. Manteve-se dissimulado, à semelhança de outros agressores que, mesmo quando confrontados, tentam negar ou justificar a violência.

COM A FAMÍLIA, o tenente-coronel mostrava-se terno, sobretudo com os sobrinhos, a quem oferecia aviões de aeromodelismo

Um militar condecorado obrigou a mulher a ser uma escrava sexual, presa em casa

que ele próprio fazia. Organizou um jantar em casa para 30 familiares, para dar a notícia de que chegara o momento de ter filhos. No bairro de Lisboa onde viviam era um vizinho prestável: sempre que ia ao hipermercado perguntava à vizinha mais velha do prédio se queria que lhe trouxesse garrafas de água ou paletes de leite, para ela não carregar pesos; a uma mãe de dois bebés, oferecia-se para a ajudar no transporte dos carrinhos quando se cruzavam.

Mas dentro de casa, um T5, era de fúrias. Das ameaças à mulher passou às torturas, que duraram quase dois anos. Tratava-a como escrava sexual. Nas temporadas de dois meses que passava em Portugal, entre missões, exigia que ela metesse baixa na escola para ficar sexualmente disponível. E que andasse sempre despida pela casa. Quando a mulher adormecia, abanava-a com força pelos ombros, até ficar atordoadada. Proibia-a de sair e de contactar familiares.

Dizia que nenhum homem da sua família tinha sido “panilas” e insistia que tinha de ser pai, recusando-se a aceitar o facto de ser estéril. Se a mulher resistisse a ter sexo, levava-a para a banheira cheia e mergulhava-lhe a cabeça na água.

Costumava bater-lhe com uma toalha húmida enrolada, que lhe provocava lesões internas sem deixar marcas. Uma vez, à noite, deixou-a a vomitar sangue, convulsivamente: tinha-lhe provocado uma grave lesão no estômago e recusou-se a levá-la ao hospital. Ela acabou por ser socorrida pela irmã e pelo cunhado. Nas urgências do Hospital de São Francisco Xavier, nem a médica conseguiu diagnosticar o problema. ►



ID: 39978565

02-02-2012

Destaque

Carinhoso VS Ciumento

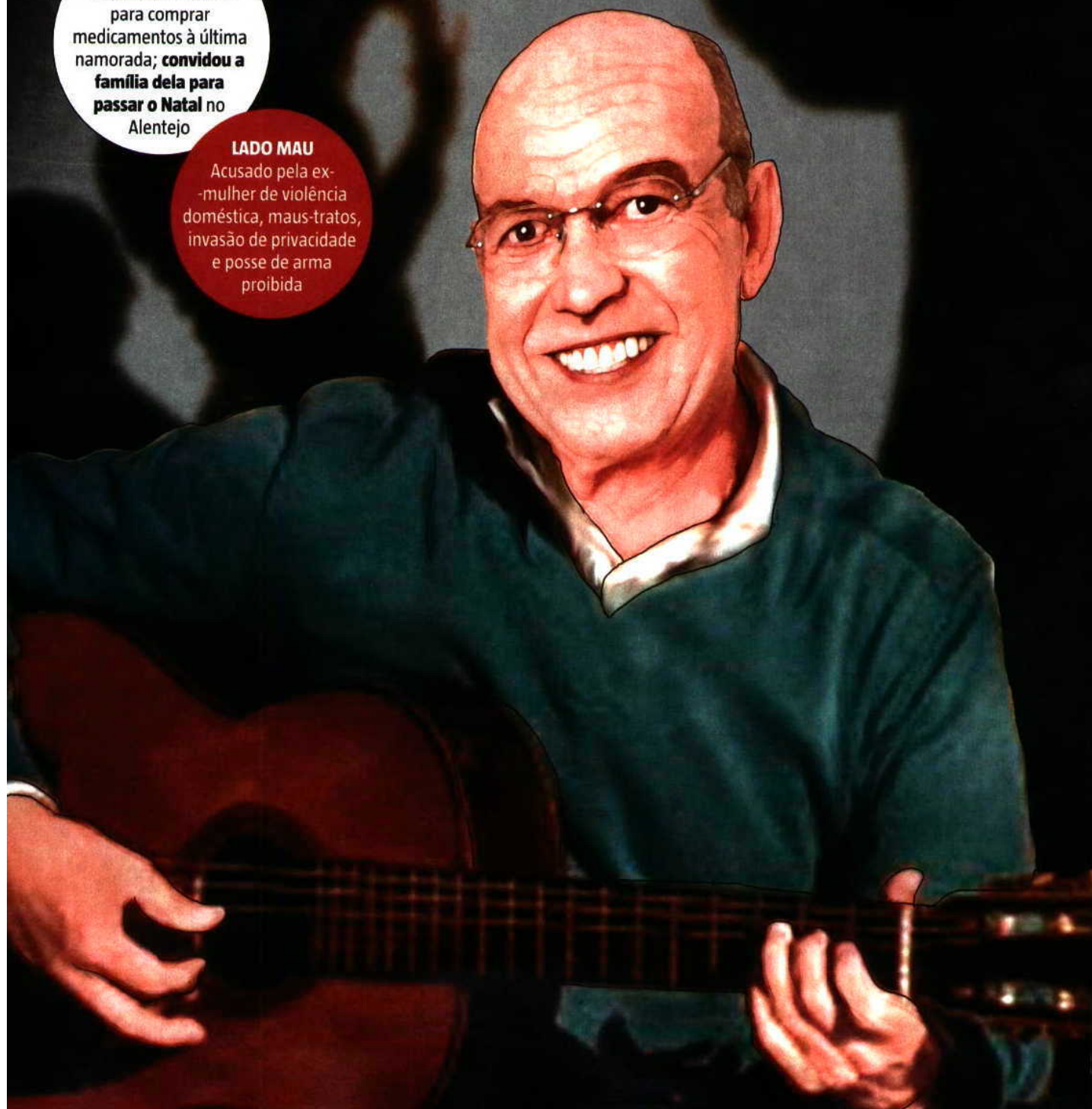
PACO BANDEIRA, 66 anos

LADO BOM

Levantava-se à noite para comprar medicamentos à última namorada; **convidou a família dela para passar o Natal** no Alentejo

LADO MAU

Acusado pela ex-mulher de violência doméstica, maus-tratos, invasão de privacidade e posse de arma proibida



DESTAQUE

► Depois obrigou a mulher a fazer um tratamento de estimulação hormonal, que a fez engordar bastante. Queria que a ovulação coincidissem com os períodos que passava em Portugal. Habitualmente fazia missões de três meses, bem remuneradas em dólares.

CATÓLICA PRATICANTE, a vítima consultou um padre, que respondeu: “Minha filha, não pode o homem separar aquilo que Deus uniu. Diz para ele falar comigo.” Recorreu então à advogada Fidélia Proença de Carvalho, que a ajudou a preparar meticulosamente um plano de fuga. Arranjou colocação numa escola no Norte, acumulou poupanças e reuniu testemunhas que assistiam aos maus-tratos. Mas não chegou a apresentar queixa – limitou-se a mover uma acção de divórcio litigioso por violação do dever de respeito no casamento de 10 anos.

Pensou em todos os detalhes: em Maio de 2007, entregou à irmã uma cópia da chave de casa e pediu à vizinha do lado que escondesse em casa dela três agentes da PSP, duas amigas, o pai e a porteira do prédio. Sabia que duas horas depois o marido iria aparecer. Mal abriu a porta, ele insultou-a: “Minha grande p..., onde andaste?” Ao ouvirem os gritos, os familiares, os amigos e os polícias entraram a casa. Chegaram mais cinco agentes militares que o levaram para um aquartelamento, onde ficou detido cerca de um mês e meio. O divórcio foi decretado em Outubro e o agressor teve de pagar uma indemnização de 7.500 euros.

Foram os acessos de ciúmes que potenciaram a violência, à semelhança do que acusa a ex-mulher de Paco Bandeira, técnica superior da segurança social, de 47 anos, a trabalhar numa prisão em Caxias. Apare-



Corajoso VS Dominador

TENENTE CORONEL, 42 anos

LADO BOM

Oferecia-se para carregar as compras dos vizinhos; era condecorado de guerra

LADO MAU

Violou a mulher à chegada de uma missão e obrigou-a a tirar baixa no trabalho, para escravizá-la sexualmente

ceu nesta terça-feira, dia 31, durante a terceira sessão do julgamento, no Tribunal de Oeiras, tal como a filha de ambos, de 12 anos, interrogada durante duas horas, como assistente do processo. A criança, que terá recebido a visita do pai na véspera, ter-se-á apresentado muito nervosa – a mãe disse que vomitara o dia todo. “Coitadinha, ela vê as fotografias nas revistas”, afirmou.

Paco Bandeira adoptou o discurso que

Paco Bandeira almoçou com amigos, após um alegado episódio de maus-tratos

tem mantido desde o início do caso. Diz que era a ex-mulher quem “fazia cenas de ciúmes e perseguições” e que todo o processo visa denegrir o seu nome. “O que tem sido dito sobre mim é a coisa mais porca que já ouvi”, declarou à SÁBADO.

Na mesma sessão, uma antiga empregada de Paco Bandeira e da ex-mulher – que

trabalhou na casa de ambos entre Agosto de 2002 e Fevereiro de 2008 (durante algum tempo como interna) – garantiu ter visto uma arma no carro do acusado. Afirmou ainda ter ouvido o cantor dizer que a ex-mulher “corria perigo de vida” durante uma viagem que terá feito com ele de carro.

Na sessão anterior, perante o colectivo de juizes, o arguido de 66 anos refutou todas as acusações. Posou para as fotografias durante vários minutos na sala de audiências e até fez piadas: “Se soubesse, tinha trazido a guitarra.” No corredor, apontou para uma das filhas, de óculos escuros e com o olho direito tapado devido a uma cirurgia, e voltou a brincar: “Dei-lhe uma grande tarefa.” No fim, quando viu a ex-mulher a ser entrevistada, exaltou-se.

A ACUSAÇÃO DIZ que os ciúmes do cantor terão começado em vésperas do baptizado da filha, em Abril de 2002. Entre insultos, terá dito à mulher que recolhera imagens dela a traí-lo com um padre. Uma semana depois, terá apontado uma arma à cabeça dela, na casa do Monte do Cortiço, em Évora. No mesmo dia, pouco tempo depois da ameaça, procurou não deixar transparecer a fúria: terá almoçado calmamente com ela e um casal amigo.

A ex-mulher queixa-se ainda de que o cantor era autoritário – se ela fizesse o mínimo barulho enquanto Paco Bandeira estava a ver televisão na sala, na moradia de Oeiras, era mandada para a garagem. Naquela divisão, no piso térreo, ele terá instalado um sistema de videovigilância que transmitia os sons e as imagens da mulher directamente para o seu computador pes-

Negam a violência até à última

COMO OS AGRESSORES REAGEM QUANDO OS VIZINHOS FAZEM QUEIXA

SEDUÇÃO

Teresa Villas, presidente da Comissão de Protecção de Menores de Sintra, conta que o agressor começa por manter a simpatia. **Tem boa capacidade de argumentação** e tenta, a todo o custo, desviar a conversa. Às vezes mostra fotos de família no telemóvel, para provar que é um bom pai.

NEGAÇÃO

Subestima a situação, dizendo que foi “uma vez sem importância”. **Por vezes, a vítima está ao lado a confirmar tudo.** “Nós damos-nos lindamente.”

VITIMIZAÇÃO

Culpa os outros. Alega que as queixas de maus-tratos à PSP ou à GNR se

devem à inveja da vizinhança.

CONFIRMAÇÃO

Quando se esgotam os argumentos, acusa o desgaste. **Levanta-se, começa a gesticular e grita ao especialista.** Chega a fazer ameaças veladas à especialista, por email, dizendo que é influente.

DESTAQUE

► soal. O arguido alegou que queria impedir o roubo de quadros e que o registo de imagens não era suficiente, porque os assaltantes podiam entrar encapuzados, tendo, por isso, de gravar a voz, que é inalterável. A ex-mulher garante que seria para a vigiar a ela e à filha.

De acordo com o Ministério Público, o cantor terá ainda afiado facas de cozinha para intimidar a vítima e dito à filha que queria que a mãe tivesse feito um aborto quando estava grávida dela. Noutra situação, terá atirado um copo à ex-mulher, provocando-lhe ferimentos numa perna. Antes de a mulher fugir com a filha para casa dos pais, em Abril de 2009, o casal dormia em quartos separados. Mãe e filha fechavam-se à chave, com os móveis encostados à porta.

No cofre de casa, haveria 11 munições e, dentro de uma caixa da cómoda do quarto, mais seis, juntamente com um revólver de calibre 32. O cantor justifica que se sentia mais seguro com a arma quando ia sozinho para o monte alentejano.

"O meu marido parecia um santo. Mas quando estava grávida, pisou-me"

No dia da segunda sessão do julgamento, a 10 de Janeiro, a então namorada do cantor, Marisa Almeida, apoiou-o. À SÁBADO, elogiou-lhe os mimos constantes, sobretudo quando tinha dores de garganta e ele se oferecia para ir à farmácia comprar-lhe medicamentos. A mãe da namorada, que a acompanhou, também defendeu o cantor: "É um homem excepcional. A convite dele, eu e a minha família passámos o Natal no seu monte alentejano. Até fez torradinhas para todos, de manhã."

Mas 13 dias depois Paco e Marisa terminaram. Ela escreveu um post de 3.700 caracteres, na página de defesa do cantor no Facebook, a queixar-se de que ele tivera uma crise de ciúmes sem sentido, com um amigo dele, e que era a sua "grande desilusão".

A denúncia do caso Paco Bandeira partiu de uma assessora da APAV. Sónia Almeida, psicóloga desta associação, revela algumas práticas de agressores insuspeitos. "Queimam vítimas com cigarros ou com químicos corrosivos. Até chegarem a este ponto, são tão subtis que a vítima nem percebe." Quando se dá conta e apresenta queixa, passa a fugitiva. Chega a mudar de país ou a fazer

Sedutor VS Violento

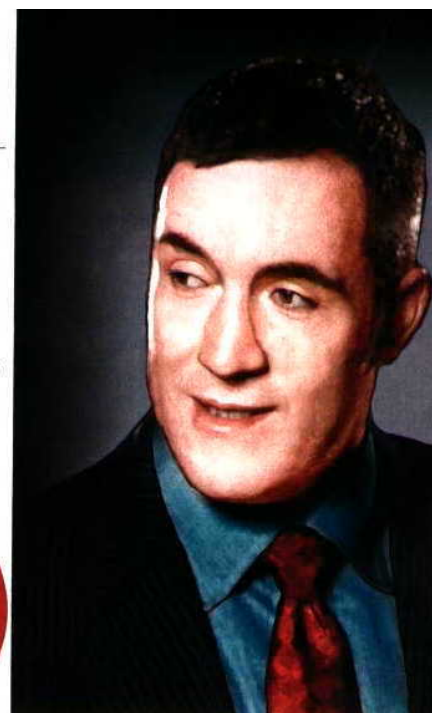
FUNCIONÁRIO NUMA EMPRESA COMERCIAL, 50 anos

LADO BOM

Oferecia roupa e sapatos à mulher, na presença de amigas dela; pagava jantares de grupo

LADO MAU

Em privado pedia-lhe o dinheiro dos presentes e pontapeava-a



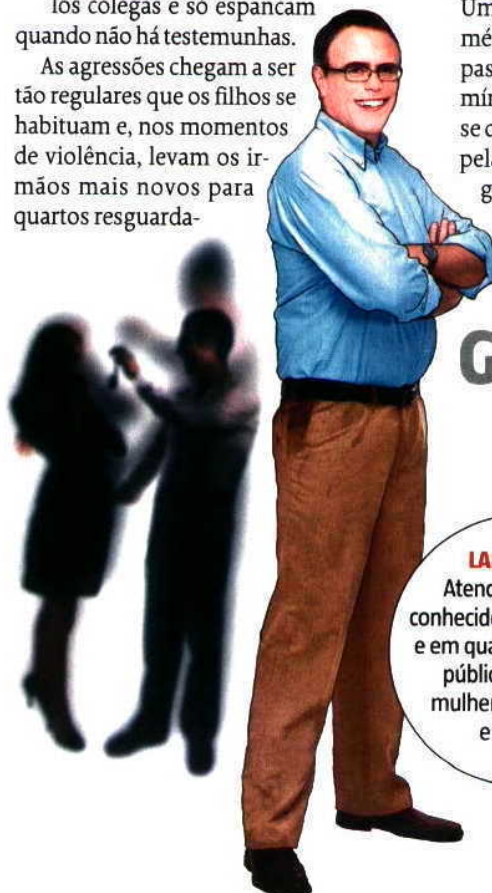
uma cirurgia facial, para ficar irreconhecível.

A escassez de queixas deve-se, em grande parte, ao medo. É difícil às vítimas depor em tribunal. António Gomes, advogado, recorda que uma cliente, de 40 anos, já divorciada, hesitou até à última. "Estive à porta da sala de audiências com receio de que ela não testemunhasse." Ao medo delas junta-se a dificuldade de recolher provas: os agressores são frequentemente apontados como exemplos para a sociedade, são elogiados pelos colegas e só espancam quando não há testemunhas.

As agressões chegam a ser tão regulares que os filhos se habituam e, nos momentos de violência, levam os irmãos mais novos para quartos resguarda-

dos. Os agressores aproveitam-se da dependência emocional. E vão a extremos: obrigam as vítimas a tomar banhos de água gelada ou matam animais domésticos à frente delas.

DIANTE DAS ASSOCIAÇÕES de protecção das vítimas, os agressores começam por negar os maus-tratos. Mostram-se cordiais e românticos, fazem questão de mostrar mensagens picantes que trocam com as mulheres. Depois, relativizam as agressões. Um empresário acusado de violência doméstica e de tratar o enteado como um cão, passeando-o atrelado ao carro pelo condomínio de luxo onde viviam, garantiu tratar-se de um jogo. As imagens foram gravadas pelas câmaras de videovigilância e entregues à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens.



Generoso VS Negligente

MÉDICO, 51 anos

LADO BOM

Atendia amigos e conhecidos fora de horas e em qualquer sítio; em público, tratava a mulher por Gatucha e Fofinha

LADO MAU

Acusado pela mulher de lhe aplicar doses excessivas de ansiolíticos durante nove anos; tinha ataques de fúria em que gritava e a insultava



Uma empresária financeira do Porto, de 44 anos, aparece com frequência na imprensa cor-de-rosa, vai a chás e aos bailes do Palácio da Bolsa. Nunca revelou os 12 anos de tortura por que passou, nem apresentou queixa, por vergonha. Disfarçou o melhor que pôde. Até a pelada que ele lhe provocou, após um forte puxão de cabelos, na esplanada de casa. Quando ia trabalhar, usava risco ao lado e fixava o cabelo com laca, de modo a tapar a falha. Em casa punha um boné. “Disse às colegas que era mau serviço de uma cabeleireira.” Todas acreditaram. Afinal, achavam que o marido dela era “um espectáculo”.

ELE ERA MAGRO, tinha um metro e 80 e aparentava ser gentil. Em jantares de grupo, fazia questão de pagar a conta a todos e, se passava à frente de uma loja com as amigas dela, oferecia-lhe roupa e sapatos. À frente da família da mulher conseguia passar a imagem certa: “Parecia um santo, ria-se, estava sempre bem-disposto e era meiguinho.” Na véspera podia ter-lhe dado pontapés.

Em privado, alterava-se. Caso ela não pagasse os artigos que ele lhe oferecia, ameaçava devolvê-los às lojas. As fúrias eram antecedidas por mudanças de expressão: revirava os olhos, cerrava os dentes, fechava os punhos e corava. Aos 3 meses de gravidez do segundo filho, estava deitada na cama quando ele chegou a casa enfurecido. “Atirou-me para o chão, arrastou-me e pisou-me. Passei a noite a chorar. No dia seguinte fui ao médico de família, que me disse que podia perder a criança. Passei o resto da gravidez de baixa”, contou a vítima à SÁBADO.

Este não era o homem que a tinha seduzido. Mas logo uma semana após o casa-▶

DESTAQUE

► mento, pela Igreja, deu-lhe um soco. Mais tarde, foi agredida diante da sogra, que não estranhou. “Tem paciência, também levei tanto. Isso passa...”

Com as agressões a agravarem-se, ela tentou manter a normalidade. Mas passou a frequentar o Casino de Espinho, duas a três vezes por semana, entre três a seis horas diárias, onde perdeu 1 milhão de euros.

Só pediu o divórcio (amigável, para não o irritar) quando o filho mais velho fez 18 anos. Saiu de casa e foi viver com ele para uma moradia da Foz. A última agressão deu-se junto ao portão da casa, no ano passado, quando a mulher apresentou queixa por ele não pagar a pensão de alimentos à filha mais nova, de 17 anos. “Deitou-me as mãos ao pescoço.”

Uma mulher, de 37 anos, passou pelo mesmo, com uma agravante: conhecia os seus direitos por ser advogada. Mas temia o escândalo ou que a achessem delirante e ciumenta. O marido, de 45 anos, era deputado. Quando chegou ao consultório do terapeuta José Manuel Arrobas, em Cascais, relatou logo as agressões.

A CHORAR CONVULSIVAMENTE, queixou-se de que ele tentara esbofeteá-la quando ela estava com o filho ao colo, mas acertara no bebé, deixando-o a deitar sangue dos lábios. Também a expulsou de casa depois de lhe torcer um braço. As pancadas e pontapés nas cadeiras eram frequentes, à noite ou de manhã. A seguir arrependia-se e oferecia-lhe flores.

Era bem visto no partido, “com um discurso fluente, mas reservado em pormenores”, conta o psicólogo, que só o conheceu após o divórcio, pedido pela mulher ao fim de sete meses de terapia. Detectou logo a



Dedicado VS Maquiavélico

ECONOMISTA, 45 anos

LADO BOM

Era extremamente empenhado no trabalho, a ponto de impressionar o administrador de um banco; teve uma ascensão fulgurante

LADO MAU

Quando o sogro morreu, tentou enlouquecer a mulher para gerir o património. Escondia-lhe vários objectos

personalidade ambígua do político, através do “olhar fugidio”.

Já a perversidade de um economista demorou 23 anos a ser detectada. Com um percurso de típico *self-made man*, começou a trabalhar como pacote aos 16 anos. Ti-

única filha, professora. Andavam sempre de mão dada e tiveram três filhos.

Entretanto, o sogro morreu. “Partiu do princípio de que, sendo economista, iria gerir a herança”, conta a advogada de acusação, Fidélia Proença de Carvalho. Passou de carinhoso a prudente. Alertava a mulher para esquecimentos sucessivos. Por exemplo, ela perdia as chaves do carro e acabava por encontrá-las no congelador.

Um dia, no cabeleireiro, após quatro anos de lapsos de memória sem explicação, a mulher percebeu tudo. Foi quando ouviu duas funcionárias da dependência bancária do marido a criticarem a figura de pedinte com que ele aparecia: “Ai o nosso director! A mulher deve ser uma porca. Coitado do homem, viste a camisa? Até faltava um botão.”

A mulher foi à bagageira do carro dele, um BMW topo de gama, e encontrou os fatos impecáveis, da Rosa & Teixeira, com que saía de casa, e as roupas velhas, com que se vitimizava no trabalho. A intenção seria dá-la como louca, inimputável, de modo a gerir a herança. Com extrema dificuldade, a professora conseguiu o divórcio.

O mesmo ainda não foi possível a uma jurista de 50 anos. Em Maio de 2010, apresentou uma queixa-crime contra o marido, de 51, devido a alegados maus-tratos. A aguardar a primeira audiência, com oito testemunhas arroladas, recorda os tempos em que ele a tratava por “Fofinha”. Socialmente, até exagerava: “Se concordava comigo, fazia-me uma vénia e batia os calcanhares.”

Um deputado bem visto no partido tentou esbofetear a mulher, mas acertou no bebé

rou a licenciatura em Economia, em regime de trabalhador-estudante. E, finalmente, quando era bancário numa dependência em Lisboa, um dos administradores reparou nele. Apreciou a sua capacidade de trabalho e apoiou-o. Acabou por casá-lo em regime de comunhão geral de bens, com a

As expressões que usam para manipular

A PARTIR DA TERCEIRA AGRESSÃO GANHAM CADA VEZ MAIS PODER E GOSTAM DE HUMILHAR

A CULPADA ÉS TU

Alega que a vítima é que o descontrola.

PARA A PRÓXIMA É PIOR

A partir da terceira agressão os especialistas acham que a vítima corre o risco de entrar num processo de dependência. A partir daqui será cada

vez mais complicado sair do ciclo violento, por vezes interrompido pela fase “lua-de-mel”, em que ele pede desculpa. Cerca de 40% dos casos duram mais de uma década, segundo a especialista Luísa Branco Vicente.

ÉS UMA OFERECIDA

A mulher é alvo de ciúmes

constantes. Ele anda sempre desconfiado e proíbe-a de sair de casa.

JÁ VISTE AS PERNAS DAQUELA?

Ao comentar os atributos de outras mulheres com a vítima, tenta minimizá-la. Quer que se sinta feia, para exercer domínio.

Frequentavam festas, *cocktails* e congressos. Ele era médico num hospital de Lisboa e queria fazer contactos. Na moradia de 400 m², o casal organizava jantares com partidas de *bridge*. Solicito, se algum convidado se queixava de um problema de saúde, ele disponibilizava-se para o levar ao hospital.

Em 1999, interrompeu a festa de passagem de ano, em casa da sogra, para ir socorrer um casal amigo. O homem, de 80 anos, morreu. Sempre prestável, ele ofereceu-se para vestir o corpo. Na intimidade, era diferente: gritava, guinchava e até dava coices. A partir de 2000, terá tentado dominar a mulher de outra forma, quando ela ficava ansiosa após as discussões. "Disse-me que tinha encontrado um medicamento ótimo, indutor do sono, que não causava habitação." Ela começou a tomá-lo.

EM 2008 ENTRARAM os dois na maçonaria. "Um ano depois ele conseguiu fazer o doutoramento. Um dos superiores hierárquicos era maçom." A mulher corrigiu-lhe a estrutura gramatical da tese e escreveu-lhe os textos filosóficos da prancha maçónica, que lhe permitiu subir do escalão inicial de aprendiz para o de companheiro.

Ano após ano, ele ia-lhe aumentando a dosagem dos ansiolíticos. Ela dormia 14 horas por dia e tinha dificuldades de concentração que, a custo, tentava que não a prejudicassem no trabalho.

À noite, ele terá baixado a temperatura do aquecimento central de casa para 16 graus, mesmo no Inverno. A jurista, asmática, tinha ataques e espasmos brônquicos.

Em 2009, terá atingido o pico da sobre-dosagem de calmantes. O marido terá passado receitas em nome dela ou dos pais dele para não levantar suspeitas. Por dia, ela tomava 16 comprimidos.

No início de 2010 ele saiu de casa, sem avisar. A mulher demorou meses a recolher as provas documentais - incluindo a avaliação clínica, em Julho e Outubro de 2009, que alertou para a dependência da medicação e para o seu impacto psicológico. Garante que os danos são irreversíveis e que o seu QI baixou de 135 para 117. "Fiz testes psicotécnicos para demonstrar que tinha ficado com as minhas capacidades cognitivas afectadas. O défice foi de 15%." Isto porque entre 23 de Fevereiro e 17 de Outubro atingiu um recorde de consumo de calmantes: no total foram 532 embalagens. •

TESTE O meu marido é violento?

AVALIE O NÍVEL DE CONFLITO NA SUA RELAÇÃO, COM A AJUDA DA TERAPEUTA OLGA CUNHA, ESPECIALIZADA NO TRATAMENTO DE AGRESSORES DOMÉSTICOS. FIQUE ATENTA AOS SINAIS

- 1** No início da relação, quando estavam em público:
- ☐ Era lamechas
 - ☐ Elogiava sem sentido
 - ☐ Tinha crises de ciúmes
 - ☐ Apreciava um debate

- 2** As alterações de humor dele manifestam-se?
- ☐ Não, ele é estável
 - ☐ Com amuos
 - ☐ Com insultos
 - ☐ A atirar objectos

- 3** Se ele fica aborrecido, faz algum comentário?
- ☐ Fica em silêncio
 - ☐ Queixa-se da rotina
 - ☐ Diz que está gorda
 - ☐ Acusa-a de seduzir os amigos

- 4** Se você o contraria, ele reage?
- ☐ Fecha-se no quarto
 - ☐ Ignora a sua opinião
 - ☐ Ameaça divórcio
 - ☐ Agride-a

- 5** Como se comporta nas refeições?
- ☐ Come normalmente
 - ☐ Implica com tudo
 - ☐ Exige silêncio
 - ☐ Repreende-a

- 6** Quando lhe fala de trabalho:
- ☐ Mostra-se atento
 - ☐ Fica aborrecido
 - ☐ Desvaloriza-a
 - ☐ Quer que meta baixa

- 7** Se atende uma chamada à frente dele:



- Mantém-se sereno ☐
Amua e afasta-se ☐
Obriga-a a desligar ☐
Exige-lhe que passe o telefone, desconfiado que seja um amante ☐

- 8** Como é que ele a trata na cama?
- ☐ Respeita-a
 - ☐ Compara-a com as ex
 - ☐ Já não têm vida sexual
 - ☐ Só pensa nele

- 9** No Natal, Páscoa e aniversários convivem com as famílias um do outro?
- ☐ Sempre conciliámos
 - ☐ Nunca
 - ☐ Geralmente com a minha família
 - ☐ Geralmente com a família dele

- 10** Durante uma discussão, ele:
- ☐ Aceita o seu ponto de vista
 - ☐ Preocupa-se que os vizinhos não oiçam
 - ☐ Parte para a agressão
 - ☐ Aponta armas ou tranca-a num quarto

- 11** Após uma discussão, ele:
- ☐ Pede-lhe desculpa
 - ☐ Vai ter com amigos sem mostrar a fúria
 - ☐ Amua
 - ☐ Compensa-a com presentes ou sexo

- 12** Se ele fica enfurecido num local público ou numa festa, como reage?

- Conversa consigo em casa ☐
Vai dar uma volta ☐
Assedia mulheres à sua frente ☐
Dá-lhe um discreto puxão de cabelos ou belisca-a ☐

Classificação: cada opção de resposta vale entre zero e três pontos, de acordo com a ordem publicada

0 pontos
Mantém uma relação estável, em que os momentos de tensão são geridos de forma equilibrada.

1-12 pontos
Magoa-se com a forma como ele a trata nos momentos de tensão. No entanto, tem coragem para lidar com as situações. Procure alguém especializado.

13-23 pontos
Você gostaria de dizer o que pensa, sem receio de represálias. Às vezes consegue, mas na maioria das situações sente-se diminuída. Mantenha-se atenta e recorra a um especialista.

24-36 pontos
A sua relação tem momentos de grande conflito, que chegam a envolver actos de violência emocional e física. Procure manter a sua segurança. Não hesite em falar para a linha de apoio à vítima (707 20 00 77).

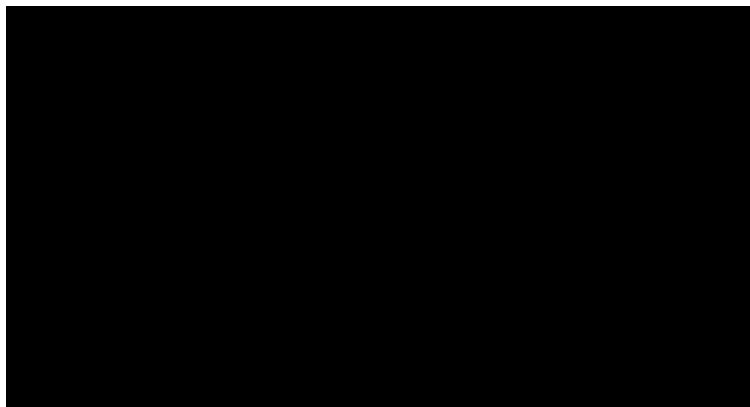
[Últimas](#) [Discos](#) [Entrevistas](#) [Videoteca](#) [Ao Vivo](#) [Artigos](#) [Etc.](#) [Agenda](#)**Últimas** Erro! na APAV

publicado em 08 Feb 2012 - 18:25

SHARE



O Espaço APAV & Cultura volta a receber um concerto no próximo dia 24, naquele que é mais um evento mensal organizado pela associação. Desta feita será o projecto Erro!, de João Palma, que se apresentará ao vivo perante os que se deslocarem até à Rua José Estevão - entrada livre, como costumeiro. É de prever que o [agora] trio se dedique principalmente às canções de *Três*, o mais recente EP, mas também que viaje até ao até agora único LP *Isto É O Quê, Mãe?*. Fica o vídeo de "Riso Louco":

**Últimas****Últimas** por Paulo Cecílio em 08 Feb 2012 - 18:25[Erro! na APAV](#)**Últimas** por André Gomes em 08 Feb 2012 - 17:46[O novo disco dos Black Bombaim vai ser um disco cheio de *titans* à patrão](#)**Videoteca** por André Gomes em 08 Feb 2012 - 16:02[#53 Tren Go! Sound System](#)**Últimas** por André Gomes em 08 Feb 2012 - 14:42[Sonar x 4 em 2012](#)**Últimas** por Paulo Cecílio em 08 Feb 2012 - 11:57[THEESatisfaction oferecem single](#)**Disco** por Nuno Proença em 08 Feb 2012 - 11:47[Pop. 1280
The Horror](#)**Últimas** por Paulo Cecílio em 08 Feb 2012 - 09:49[Este maldito Quinto Império](#)

Queixas de violência doméstica baixam e crise pode ser a culpada

Participações. PSP e GNR registaram, pela primeira vez em 11 anos, redução. Só Guarda, Évora e Viseu têm mais

CÉU NEVES

As forças de segurança registaram menos queixas de violência doméstica em 2011, o que acontece pela primeira vez desde que os dados são tratados. Tiveram 28 980 participações, menos 2255 do que em 2010. Mas, no terreno, os técnicos não sentem que haja uma diminuição de casos. A crise económica pode ser uma das explicações para o facto de as mulheres recorrerem menos à GNR e à PSP. Mesmo assim, são três participações por hora.

"Gostaria de pensar que o número de casos de violência doméstica diminuiu, mas não é essa situação que encontro no terreno", começa por dizer Magda Alves, da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). É a coordenadora da Biblioteca Itinerante pela Igualdade de Género que percorre o Alentejo e em todos os contactos com a população ouve relatos de violência doméstica, antigos, presentes ou de familiares e amigos. São histórias de mulheres.

Uma vítima de maus tratos falou ao DN, mas confessa que ainda não consegue abordar abertamente a situação, e que, apesar de ter conseguido sair dela, a sua vida íntima continua a ser afetada. É uma jovem que chora depois de uma sessão de esclarecimento e que acaba por revelar que muitas das agressões físicas e psicológicas referidas aconteceram em sua casa, entre o pai e a mãe. Por isso, Magda Alves não fica surpreendida com o aumento de participações à PSP em Évora, o que já tem mais dificuldade em explicar é a diminuição. A crise económica poderá ser uma das explicações.

"Quanto mais as pessoas estão vulneráveis, mais dificuldades têm em sair de uma situação abusiva. Não tenho dúvidas de que a crise e as medidas de austeridade aumentam a vulnerabilidade das pessoas, nomeadamente das mulheres, que são as mais afetadas pela crise [têm salários mais baixos] e pela violência doméstica", explica Magda Alves.

As participações de agressões, físicas e psicológicas, diminuíram sobretudo junto da GNR, que regista 11 485, menos 9,9% do que em 2010. Mas três em cada cinco queixas são apresentadas junto da PSP, 17 495 em 2011, o que representa menos 5,4% das denúncias.

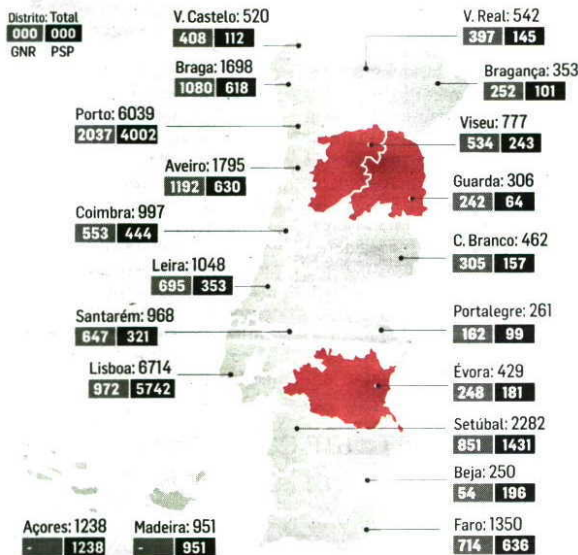
A diminuição é, também, uma surpresa para Ana Páscoa, presidente da Associação das Mulheres Contra a Violência Doméstica. "Aumentou bastante o número de



Marchas pelo País lembram vítimas

PROTESTOS As manifestações em defesa das vítimas de violência doméstica sucederam-se no ano passado em vários pontos do País, lembrando os direitos das mulheres, dos idosos, das crianças e dos homens. Muitos foram os que saíram à rua contra a impunidade dos agressores. A marcha no Porto (foto), a 8 de outubro, foi organizada através do Facebook.

Ocorrências registadas em 2011



Onde as queixas subiram

Évora +4,9%

429 queixas. A GNR registou mais um caso e a PSP mais 19 denúncias. Em janeiro do ano passado foi criado no distrito um núcleo de apoio a vítimas de homofobia e de violência doméstica

Guarda +4,8%

308 denúncias, cifra que se deveu às participações na GNR, mais 6%. Houve um reforço de estruturas de apoio à população a partir de 2009, com a criação de núcleos locais

Viseu +1,8%

777 participações nas forças de segurança, apenas mais quatro do que em 2010. É um dos distritos com mais homicídios registados pelo Observatório das Mulheres Assassinadas (UMAR). 2 dos 22 mortos até 11 de novembro

Mais filhos e enteados a agredir

AGRESSORES Três em cada quatro vítimas de violência doméstica foram agredidas pelos maridos ou companheiros ou com quem já viveram. Em terceiro lugar surgem os filhos e enteados, responsáveis por 13% das denúncias, percentagem que continua a aumentar.

Em 88% dos casos os agressores são homens, que, normalmente, estão na mesma faixa etária da vítima, com 25 ou mais anos.

As denúncias de maus tratos levaram a um aumento de detenções, o que também se deve a uma alteração legislativa que não obriga a que a prisão ocorra em flagrante delito. As estatísticas sobre a violência doméstica, a que o DN teve acesso em primeira mão, apenas têm as detenções da GNR. Estas mais que duplicaram no ano passado (169) comparativamente a 2009 (67), mas já totalizavam 152 em 2010. Cerca de 34% das ocorrências sucederam-se ao fim de semana (18% ao domingo e 16% ao sábado). Quase metade das participações registaram-se entre as 19.00 e as 24.00 (46%), 9,7% de madrugada, 17% de manhã e 28% à tarde. Os técnicos aconselham as mulheres em perigo a não sair sozinhas, não ir sempre pelos mesmos locais e a ter uma tecla programada no telemóvel com um número para pedir ajuda.

As participações de agressões, físicas e psicológicas, diminuíram sobretudo junto da GNR, que regista 11 485, menos 9,9% do que em 2010. Mas três em cada cinco queixas são apresentadas junto da PSP, 17 495 em 2011, o que representa menos 5,4% das denúncias.

As vítimas têm mais de 24 anos e são maioritariamente do sexo feminino (81,6%), embora a percentagem do sexo masculino tenha vindo a subir (18,4%), o que também pode ter que ver com os me-

nos nossos centros de atendimento e os nossos refúgios estão sempre cheios", justifica. Uma das hipóteses que dá para as pessoas recorrerem menos às autoridades tem que ver com "uma desmotivação das mulheres para com a Justiça", mas aceita que a crise também possa influenciar na hora de romper definitivamente com a situação e deslocar-se a uma polícia. O que não quer dizer que exista menos casos, sublinha, já que as dificuldades económicas

tendem a originar mais conflitos no casal. Em 78% das situações foi a própria vítima quem denunciou o caso às forças de segurança, em 8% foram os familiares e os vizinhos a participar e, em 4%, decorreu do conhecimento direto das polícias.

As vítimas têm mais de 24 anos e são maioritariamente do sexo feminino (81,6%), embora a percentagem do sexo masculino tenha vindo a subir (18,4%), o que também pode ter que ver com os me-

norens envolvidos. Em 41,5% das ocorrências participadas foram assinaladas a presença de menores. Évora, Guarda e Viseu foram os únicos distritos onde foram participados mais casos à autoridade. "Houve um esforço do anterior governo a nível nacional, mas que possivelmente teve mais impacto no Alentejo, que era uma região em que a população estava menos protegida. E isso também terá acontecido em outras zonas do interior", diz Magda Alves.



Cortar com a violência

Atendendo ao aumento de violência que se verifica em faixas etárias cada vez mais baixas, confirmado pelos dados fornecidos pelo Relatório Anual de 2010 do Sistema de Segurança Interna, que é elaborado a partir dos dados adquiridos no Programa Escola Segura, é de congratular a iniciativa da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com a campanha "Corta com a Violência: quem não te respeita não te merece". Objectivamente pretende-se sensibilizar os mais jovens, em particular, para algumas formas de violência que acontecem no âmbito escolar, designadamente o bullying, a violência sexual e a violência no namoro, através de uma abordagem preventiva e simples que não se limita a evidenciar factos mas que é promotora de uma atitude: quem não me respeita não me merece.

Outras formas de violência de natureza mais subtil, mas frequentemente consideradas de menor importância, como o gozo, a humilhação e intimidação, os comentários e toques de natureza sexual e as atitudes controladoras nos relacionamentos de namoro, são alvo de chamada de atenção, pois ainda que usualmente menos graves em

termos de impacto físico, sabe-se que a utilização e tolerância a estes comportamentos podem preceder a ocorrência de actos de violência mais graves.

A APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e da sua rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens através da sua acção junto dos alunos no seio da comunidade escolar, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Esta nova campanha de sensibilização, a ser comunicada através de diversos formatos, em diferentes meios: spots televisivos (canais RTP, Youtube), rádio (grupos RTP e Renascença), imprensa, cartazes e folhetos (distribuição massiva pela comunidade escolar) e web/internet.

Refira-se que, segundo o relatório acima mencionado, no ano lectivo 2009/2010 registaram-se 4713 ocorrências em contexto escolar: 33 em cada 100 ocorrências consistiram em ofensas à integridade física; 27 em furtos, 11 em injúrias e ameaças, sete em situações de roubo e aproximadamente três em ofensas sexuais.



Sobre a APAV

A APAV é uma instituição particular de solidariedade social, pessoa colectiva de utilidade pública, que tem como objectivo estatutário promover e contribuir para a informação, protecção e apoio aos cidadãos vítimas de infracções penais.

É, em suma, uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia, de forma individualizada, qualificada e humanizada, vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais.

Fundada em 25 de Junho de 1990, é uma instituição de âmbito nacional, localizando-se a sua sede em Lisboa. Apoia localmente os cidadãos, através dos Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV) que são gabinetes locais de prestação de serviços de apoio aos cidadãos vítimas de crime e suas famílias nas suas comunidades.

Cada Gabinete de Apoio à Vítima promove uma sólida identidade da APAV nas comunidades locais em que os serviços de apoio à vítima estão inseridos, desenvolvendo relações próximas e

consistentes no seio das suas redes e garantindo a máxima optimização de recursos disponíveis para a melhor resposta à vítima de crime naquela comunidade.

O Gabinete de Apoio à Vítima de Loulé é um dos cinco gabinetes da rede da APAV no Algarve, situando-se no Posto da GNR, na Travessa Charles Bonnett, desde o ano de 2003. Para além do atendimento e acompanhamento de vítimas de crime e seus familiares, o GAV Loulé tem desenvolvido e participado em diversas acções de sensibilização e iniciativas locais, promovendo o trabalho da APAV no concelho, em estreita colaboração com as restantes instituições da região, tais como, Câmara Municipal de Loulé, Escolas e Instituições Particulares de Solidariedade Social.

Ao longo dos seus oito anos de existência no concelho, o Gabinete de Loulé já atendeu e apoiou mais de mil cidadãos, vítimas dos mais diversos tipos de crime, tais como, ofensas à integridade física, maus-tratos, violação, violência doméstica, abuso de confiança, burla e furto.



Jovem que pontapeou jornalista sujeito a apresentações periódicas

Rita Araújo

● O jovem que filmou a agressão de uma colega e colocou o vídeo no Facebook foi ontem detido em casa, por volta das 10h30, por ter agredido uma jornalista à saída da leitura do acórdão sobre aquele caso em que foi condenado a dois anos e dois meses de prisão, com pena suspensa.

Rodolfo Santos ficou sujeito a apresentações periódicas junto das autoridades policiais da sua área de residência, depois de ter passado o dia a ser ouvido por um juiz de instrução criminal.

Fonte policial confirmou à Lusa que Rodolfo Santos está acusado do crime de ofensa à integridade física qualificada pela agressão à jornalista. Em comunicado citado pela agência Lusa,



Agressão colocada no Facebook

o Comando Metropolitano de Lisboa (COMETLIS) da PSP refere que cumpriu um mandado de detenção emitido pelo Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa.

No dia da leitura do acórdão, a 16 de Janeiro, à saída das varas criminais de Lisboa, Rodolfo Santos agrediu a pontapé uma fotojornalista do *Correio da Manhã* (CM) que se encontrava no local.

Cerca de uma dezena de jornalistas assistiram ao sucedido, tendo a ofendida e o CM apresentado queixa na PSP.

Cinco dos seis arguidos no caso da agressão à jovem de 13 anos junto ao Centro Comercial Colombo foram condenados a penas de prisão entre 18 meses e dois anos e nove meses. As penas foram suspensas sob condição de os jovens voltarem à escola ou frequentarem cursos de formação. Apenas um dos arguidos foi absolvido, porque “não aderiu ao crime”.

Os jovens têm de colaborar com entidades como a APAV no apoio a vítimas de crimes violentos ou de acidentes de viação, durante o período de suspensão das penas. O caso, que remonta a Maio de 2011, foi publicitado num vídeo colocado no facebook.

O juiz-presidente disse que a idade dos arguidos foi tida em conta, julgando-se suficiente para que não reincidam a “simples ameaça de prisão”. Caso as expectativas sejam defraudadas, “as penas serão cumpridas”. com Mariana Oliveira

Um em cada quatro jovens é alvo de violência no namoro

Inserido em 14-02-2012 19:15



Associação Portuguesa de Apoio à Vítima trabalha nas escolas para sensibilizar os jovens para este problema.

Um em cada quatro jovens é vítima de violência no seu relacionamento. Os números, divulgados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), baseiam-se num estudo feito pela Universidade do Minho.

“Sem querer estragar o romantismo do dia dos namorados, é importante chamar a atenção para aqueles actos que, apesar de serem percebidos como actos de amor e de afecto, podem ser actos de controlo e de ciúme exagerado e que têm um impacto muito negativo na vida destes jovens”, diz Rosa Saavedra, da APAV.



Renascença

Música e informação dia-a-dia.

"Quem não me respeita não me merece." APAV sensibiliza jovens contra violência

Editado por **Carla Fino**

Inserido em 12-01-2012 10:05



Lema da campanha que hoje começa "é para usar para toda a vida", diz Rosa Saavedra, da Associação de Apoio à Víctima (APAV). E lembra: nem toda a violência deixa marcas físicas.

A Associação de Apoio à Víctima (APAV) lança hoje uma campanha para combater a violência em meio escolar. Sensibilizar crianças e jovens para as várias formas de violência é o objectivo da acção, que tem como lema "Quem não me respeita, não me merece".

"Pretende ser uma mensagem forte, assertiva e que não seja apenas o lema desta campanha, mas para usar para toda a vida. É uma mensagem que se pode ajustar a outros contextos e a outras faixas etárias", afirma à **Renascença** Rosa Saavedra, da APAV.

Durante o ano lectivo 2009/2010, foram registados quase cinco mil ocorrências de violência em contexto escolar (dados do relatório de 2010 do Sistema de Segurança Interna, adquiridos no programa Escola Segura). As ofensas à integridade física, as injúrias, as ameaças e o furto são as principais ocorrências, mas há outras formas de violência a que é preciso estar atento.

É o caso da "humilhação, a intimidação, alguns comentários de natureza sexual e os comportamentos de controlo de namoro", refere a responsável da APAV. São "formas de violência que, por serem menos severas e pelo impacto físico ser menos evidente, acaba por ter uma menor valorização pela comunidade em geral e por parte dos nossos jovens", destaca.

Sensibilizar a comunidade escolar para a violência é importante para que os jovens estejam atentos aos sinais e se tornem, assim, também menos vulneráveis aos actos de violência.

"Conhecendo os sinais de alerta, os comportamentos que podem ser de risco, estão mais atentos e mais capazes, primeiro, de identificar nos outros e, sobretudo, de ter uma atitude de prevenção em relação a si próprios – ou seja, o facto de conhecerem e não tolerarem situações de violência também os torna menos vulneráveis a eles tornarem-se vítimas de crime", sustenta Rosa Saavedra.

A campanha que hoje começa é direccionada aos jovens entre os 11 e os 17 anos.



Pesquisa

ok

Login

Password

ok

Registo

tempo:

Óculos de Sol

OUVIR EMISSÃO
clique aqui

PROGRAMAÇÃO

▶ RUBRICAS

▶ PROGRAMAS

LOCUTORES

MÚSICA

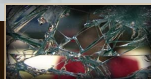
DESTAQUES

OUVINTE SIM

INFORMAÇÃO



INFORMAÇÃO



Um em cada quatro jovens é alvo de violência no namoro

14-02-2012 19:15:25

■ Portugal pode arrecadar até três mil milhões de euros
O Estado vai ao mercado colocar dívida a três, seis e doze meses.

■ Alentejo com máximas na taxa de ocupação hoteleira, Algarve nos mínimos

As piores descidas registaram-se em Armação de Pêra, com [...]

■ Redução de descontos é "areia para os olhos" de famílias numerosas

Associação das Famílias Numerosas sugere que o escalão do [...]

MANCHETE

NACIONAL

INTERNACIONAL

BOLA BRANCA

RELIGIÃO

ESPECTÁCULOS

VIDEOS

[Obter o Flash Player](#) para usufruir desta funcionalidade

▶ SEGUINTE

FOTOS



MANCHETE



14-02-2012 19:15:25

Um em cada quatro jovens é alvo de violência no namoro

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima trabalha nas escolas para sensibilizar os jovens para este problema.

Um em cada quatro jovens é vítima de violência no seu relacionamento. Os números, divulgados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), baseiam-se num estudo feito pela Universidade do Minho.

"Sem querer estragar o romantismo do dia dos namorados, é importante chamar a atenção para aqueles actos que, apesar de serem percebidos como actos de amor e de afecto, podem ser actos de controlo e de ciúme exagerado e que têm um impacto muito negativo na vida destes jovens", diz Rosa Saavedra, da APAV.

No ano passado, em parceria com as escolas, a APAV divulgou informação sobre a violência no namoro a mais de 15 mil alunos do ensino secundário.

"Fomos chamados a participar numa das aulas que os alunos têm. Nesta aula e neste contexto são debatidos exemplos de formas de violência, para os jovens poderem identificar se estão numa situação dessas ou não e são ensaiadas algumas estratégias para poderem fazer face a essas situações, bem como recursos disponíveis na comunidade para os poderem auxiliar, caso conheçam ou sejam vítimas de alguma situação de violência", explica Rosa Saavedra.



Facebook



DIGA GOSTO À RÁDIO SIM!

Contacto: Rua Ivens 14, 1249-108 Lisboa, Portugal

Telefone: +351 21 323 9282

Fax: +351 21 323 9299

E-mail geral: mail@radiosim.pt



controlinveste

Diário de Notícias

Dinheiro Vivo

Jornal de Notícias

O Jogo

TSF

Sport TV

Açoriano Oriental

DN Madeira

Jornal do Fundão

Ocasão

Tuti

[/início/](#)[/início/portugal/](#)

DN PORTUGAL

Púb

INÍCIO POLÍTICA DESPORTO CARTAZ GENTE ESPECIAIS GALERIAS ARQUIVO

pesquisar...

OK

16-02-2012



login

Portugal

Globo

Economia

Ciência

Artes

TV & Media

Opinião

Pessoas

DN Mobile

Iniciativas DN

Assine o DN

Classificados

Loja do Jornal

ACUSADO DE VIOLAÇÃO

Psiquiatra condenado a pagar 100 mil euros a grávida

por Lusa



O advogado da grávida que alegou ter sido violada por um psiquiatra considerou hoje que se fez "um bocadinho de justiça" com a condenação do arguido ao pagamento de uma indemnização de 100 mil euros.

O advogado Pedro Azevedo reiterou, contudo, que vai levar o caso ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem por causa da parte criminal do processo e da decisão da Relação do Porto, que retirou ao arguido a condenação fixada em primeira instância.

"Foi feito um bocadinho de justiça, mas reiteramos que vamos avançar com um recurso para o Tribunal dos Direitos do Homem quanto à decisão da Relação", referiu o causídico, acrescentando que aguarda ainda que a Ordem dos Médicos decida o processo disciplinar instaurado ao psiquiatra. "Vamos ver agora, perante esta decisão, como é que eles vão agir", declarou.

Segundo um acórdão a que a Lusa teve hoje acesso, o Supremo Tribunal de Justiça condenou o psiquiatra a pagar 100 mil euros à paciente.

O arguido, que foi julgado e condenado em primeira instância com uma pena de prisão de cinco anos, suspensa por igual período, foi depois absolvido pelo Tribunal da Relação do Porto na parte criminal e cível.

A absolvição, decidida na Relação, com o voto contra de um dos juízes-desembargadores, foi rotulada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima como uma "perfeita aberração jurídica" e a União de Mulheres Alternativa e Resposta considerou que tal veredicto acabou por "revitimizar a vítima".

FERRAMENTAS



PARTILHAR NOTÍCIA

TAGS

[grávida](#), [violação](#), [Portugal](#), [psiquiatra](#), [supremo tribunal de justiça](#)

[Ler Artigo Completo](#) (Pág.1/2)[Seguinte >](#)

PATROCÍNIO



389 Visualizações

0 Impressões

0 Comentários

0 Envios

FERRAMENTAS

Enviar por Email

Partilhar

Imprimir

Aumentar Texto

Diminuir Texto

Comentar este Artigo

Comentários

Reacções no Twitter

Comentar

Nome

E-mail

Comentário

Caracteres disponíveis: 750

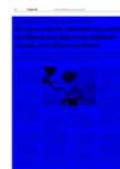
☐ Receber alerta de resposta☐ Aparecer como Anónimo

OK

☐ Lembrar dados pessoais

Nota: Os comentários deste site são publicados sem edição prévia e são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Consulte a [Conduta do Utilizador](#), prevista nos [Termos de Uso e Política de Privacidade](#). O DN reserva-se ao direito de apagar os comentários que não cumpram estas regras. **Receber alerta de resposta** - será enviado um alerta para o seu e-mail sempre que houver uma resposta ao seu comentário. **Aparecer como anónimo** - os dados (nome e-mail) são ocultados. Os comentários podem demorar alguns segundos para ficarem disponíveis no site.

[Se tem conta, faça Login](#)[Se não tem conta,](#)



ID: 40364308

23-02-2012

A propósito do Dia Europeu da Vítima de Crime

352 processos de vitimação têm maior incidência nos Açores em mulheres casadas, com filhos e profissão

A violência doméstica lidera os pedidos de ajuda e a vitimação continuada impôs-se em 76,2% dos casos, espelhada numa duração que varia entre os 2 e os 6 anos. Em 6,5% das situações houve recurso e/ou ameaça com arma.

Ontem assinalou-se o Dia Europeu da Vítima de Crime, instituído pelo fórum europeu, que reúne serviços de apoio à vítima nacionais de mais de 16 países europeus, o actual Victim Support EUROPE, para lembrar e assinalar os direitos de quem é vítima de crime. Nos Açores, a efeméride passou em branco, mas os números estatísticos não, embora ainda só sejam conhecidos os factos criminosos relativos a 2010, divulgados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

De acordo com um relatório publicado pela APAV, no ano de 2010 o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada (GAV) registou um total de 352 processos de apoio, mas foi no mês de Março que a Unidade recebeu o maior número de contactos 53 (15,1%).

A ilha de residência das vítimas era, na sua maioria, de São Miguel (53,3%), sendo que o concelho foi na sua maioria o de Ponta Delgada (70,7%), ao que se segue Ribeira Grande (15%), logo seguido de Angra do Heroísmo (2,9%). Depois aparece Lagoa (2,1%) e com idêntica percentagem as Lajes do Pico e São Roque do Pico (2,1%) e Povoação (1,4%). Velas e Calheta de S. Jorge, Horta e Lajes das Flores apresentam (0,7%) os últimos lugares da percentagem de residentes que contactou a APAV.

Contacto telefónico é o mais usual

O tipo de contacto preferido pelos utentes foi o telefónico (56%), seguido do contacto presencial (41%), tendo sido maioritariamente realizado pelo próprio utente (65%), seguindo-se o contacto de familiares (18,4%). Em mais de metade (79%) dos processos de apoio não foi necessária intervenção na crise (processo de apoio pontual), a fim de contribuir para a redução do stress emocional excessivo do utente.

Os dados estatísticos divulgados referem que no GAV de Ponta Delgada foi possível apurar que 100% dos processos iniciados foi verificada a existência de crime.

As vítimas de crime assinaladas eram, em 87% dos casos, do sexo feminino e situavam-se, em termos de faixa etária, entre os 26 e os 45 anos de idade (41,1%), sendo que – diz ainda o relatório – até recorrerem ao GAV a grande maioria dos utentes tinha o



Maus tratos físicos e psicológicos na origem das queixas/denúncias dos utentes da GAV

apoio familiar (48,5%) e da rede de amigos (14%).

A maioria dos utentes apresentava um tipo de família nuclear com filhos (47,2%) e um nível de ensino entre o 1º e o 3º ciclo (35,1%), e genericamente, os utentes encontravam-se profissionalmente numa situação estável, uma vez que 42,5% estavam empregados/as, sendo que 33,6% destes, trabalham por conta de outrem. Dadas as características intrínsecas ao trabalho que é desenvolvido pelo GAV, 92% das vítimas de crime são de nacionalidade portuguesa, daí apenas terem sido apuradas 2% de nacionalidade estrangeira. Ainda que não exista uma forte amplitude relativamente à nacionalidade dos utentes o relatório da APAV refere que é possível destacar a nacionalidade brasileira (40%).

O documento dá ainda conta que as relações familiares entre vítima e autor do crime são as mais comuns, destacando-se as de cônjuge (40,2%) e a de pai/mãe (8,9%). No que diz respeito à caracterização dos autores dos crimes denota-se uma prevalência do género masculino (76%), com idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos.

O tipo de autor é fundamentalmente pessoa singular, com uma percentagem significativa de 87,9%. Em termos familiares encontra-se casado/a (46,7%) ou divorciado/a

(10,7%).

De entre os vários de níveis de ensino, o 1º ciclo (10%) do/a autor/a do crime é aquele que se destaca face aos restantes.

Tal como a tendência verificada na caracterização da vítima, também o autor/a do crime se encontra numa situação profissional estável, estando à data empregado/a (40,7%) e a trabalhar por conta de outrem (28%).

Alcool é a causa principal

Ao contrário do que acontece no caso das vítimas, o documento refere que 50% dos autores/as de crime são de nacionalidade portuguesa e que o nível dos comportamentos aditivos, a dependência do álcool foi aquela que teve maior destaque (31,8%).

A vitimação continuada impôs-se em 76,2% dos casos, espelhada numa duração de vários anos e em termos de duração, entre os 2 e os 6 anos (21,5%).

Aquando da prática do crime, na maior parte dos casos (47,2%), não houve recurso a arma. Contudo, deve ser destacado que em 6,5% das situações houve recurso ao uso efectivo ou ameaça com arma.

O local do crime, dada a relação familiar entre vítima e autor/a do crime, foi, em 58,1% das situações, a residência comum,

seguido da via pública (9,8%) e da residência da vítima (11,6%). Em termos criminais a APAV regista os crimes distribuindo-os por 6 categorias, designadamente os crimes contra pessoas e a humanidade, de violência doméstica, os crimes contra o património, contra a vida em sociedade e o estado, os crimes rodoviários e outros crimes.

A categoria de crime com maior percentagem de registos foi a do crime de Violência Doméstica (88,7%), sendo que os crimes de maus tratos psicológicos (30,2%) e maus tratos físicos (21,6%), seguido de ameaças e coacção (20,8%) foram os que mais se destacaram.

Apesar de em 36,4% dos casos, os utentes denunciarem o crime que sofreram às autoridades aquando do primeiro contacto com o GAV de Ponta Delgada, em 46,7% das situações registadas não foi efectuada queixa/denúncia do crime, regista o relatório, para acrescentar que dos sujeitos que denunciaram o crime às autoridades, a PSP foi o local que recebeu a maior percentagem de queixas/denúncias por parte dos utentes do GAV de Ponta Delgada (33%).

Das queixas/denúncias apresentadas, uma percentagem significativa encontra-se em fase de inquérito (11,1%). No entanto é de salientar que houve 2,7% de desistência.

Das denúncias efectuadas, uma percentagem significativa foi feita à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (46%).

Apoio jurídico é o mais procurado

No que diz respeito ao tipo de apoio prestado o apoio jurídico esteve próximo da faixa dos 50%, mais precisamente com um registo de 54% seguindo-se o apoio social (17%).

No apoio especializado da área jurídica, a prestação de informação jurídica esteve em destaque com 64,5 pontos percentuais, seguido do apoio ao preenchimento do requerimento de protecção jurídica (12,5%).

A intervenção psicológica pontual aproximou-se dos 60%, mais precisamente 62%. Já no que se refere ao apoio social, outros apoios sociais em articulação com outras entidades destacou-se face aos restantes (25,3%). O apoio ao alojamento deve ser também destacado (39,7%), pode ler-se ainda no relatório.

Nélia Câmara



SAÚDE E BEM-ESTAR

Amâncio Ferreira
Técnico de Saúde Ambiental
Unidade de Saúde Pública
Barcelos/Esposende

Dia Europeu da Vítima

Ontem assinalou-se o «Dia Europeu da Vítima», instituído pelo Fórum Europeu dos Serviços de Apoio à Vítima, que reúne serviços de apoio à vítima em mais de 16 países europeus, para lembrar e assinalar os direitos de todos aqueles que sofreram de violência por causas naturais ou humanas. Pretende-se também, neste dia, procurar chamar a atenção para estes sacrifícios e que, com base neles, se caminhe para uma sensibilização colectiva, no sentido de atenuar estes atentados à vida, quer sejam de natureza individual (acidentes rodoviários, de trabalho) quer sejam de natureza colectiva (guerras, atentados, terrorismo) ou ainda os de origem natural (terramotos, sismos). O certo é que o homem no seu quotidiano se vê envolvido com as mais díspares formas de violência que são consequência de múltiplos factores.

Por outro lado, devemos procurar chamar a atenção para as formas de violências mais subtis e menos valorizadas pela sociedade em geral, como por exemplo, a intimidação, a humilhação, as atitudes controladoras dos companheiros e a violência doméstica. Ainda que encaradas como menos graves em termos de

impacte na sociedade, sabemos que se formos tolerantes a estes tipos de comportamentos, estas podem originar actos violentos e muito graves para a sociedade. Por isso, é importante que os governos assegurem aos seus cidadãos as condições de estabilidade, de segurança e bem-estar, criando para isso, os mecanismos de combate à violência, sem tréguas, na preservação da vida humana. É também importante lembrar aos governantes que as questões de equidade e de justiça social são a pedra angular na construção da relação recíproca entre os os órgãos do poder e os seus cidadãos e que a ruptura desta reciprocidade pode gerar conflitos, originando mais casos.

As vítimas de catástrofes, de violência e outros crimes, que estão em sofrimento, confusas e que não sabem ou têm dúvidas sobre o que fazer e que necessitam de uma mão amiga e solidária que as possa escurar, entender e dar-lhes ajuda, devem contactar a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (707 20 00 77), uma organização nacional não governamental que informa e acompanha as pessoas sobre os seus direitos e como exercê-los.



ID: 40359709

23-02-2012

Supremo condena psiquiatra a pagar € 100 mil

Absolvido de violação tem que pagar à queixosa

O Supremo Tribunal de Justiça condenou o psiquiatra João Vilas Boas a pagar pesada indemnização a uma paciente que o acusou de a violar no seu consultório. O médico foi absolvido do crime, mas o Supremo condenou-o na parte cível.

O Supremo Tribunal de Justiça (STJ) condenou o psiquiatra João Vilas Boas a pagar uma indemnização de 100 mil euros a uma paciente que o acusou de a ter forçado a fazer sexo no decorrer de uma consulta.

O médico, que fora julgado e condenado em primeira instância a cinco anos de cadeia (pena suspensa) e a uma indemnização de €30 mil, já tinha sido absolvido pelo Tribunal da Relação do Porto, tanto da parte criminal, como da cível.

A queixosa e o Ministério Público recorreram da decisão para o STJ, mas a relatora do processo nesta instância superior só pôde apreciar a questão cível, uma vez que a decisão judicial, dada a moldura penal, não era passível de recurso. Portanto, o STJ, apreciando o pedido de responsabilidade cível, acabou por determinar que o médico em causa terá de pagar 100 mil euros à paciente por considerar que a verba fixada pela primeira instância (30.000 euros) é "manifestamente insuficiente e afronta a justa medida das coisas".

"Na verdade, o avanço sexual de um médico psiquiatra (e também psicanalista), no seu consultório, sobre a paciente que está a ser por ele observada, seguida de coito oral e cópula, sem o consentimento da mesma, estando ela com doença depressiva e gravidez quase de termo, é um acto de enorme gravidade, que não pode deixar de provocar um fortíssimo trauma na vítima, dificilmente esquecível", lê-se no acórdão do STJ.

Marcas permanentes

No sentido de ressarcir a vítima, os juizes procuraram dar uma cabal resposta aos concretos juizes de equidade, dada a gravidade da ilicitude, o dolo intenso e a particular fragilidade da vítima, consi-



Supremo Tribunal critica decisão da Relação de Lisboa

derando que a situação a que foi submetida é susceptível de se estabelecer como uma marca de sofrimento duradoura.

Os juizes do STJ consideraram,

ainda, que "o caso revestiu-se da imposição unilateral da vontade de sexo do homem sobre a mulher fragilizada, com um acto voluntário que atenta contra a deontologia profissional do arguido, enquanto psiquiatra".

Contudo, talvez o polémico caso não se esgote aqui, uma vez que o arguido conseguiu livrar-se da sanção penal. Neste sentido, Pedro Azevedo, um dos advogados da ofendida, já apresentara a sua pretensão em recorrer ao Tri-

bunal Europeu dos Direitos do Homem para acusar o Estado português de vedar à ofendida o direito de apelação de um acórdão "que é uma infâmia jurídica" (recurso sobre a questão criminal). O polémico acórdão da Relação do Porto foi rotulado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima como uma "perfeita aberração jurídica" e a União de Mulheres Alternativa e Resposta considerou que o veredicto acabou por «"revitimizar a vítima".

Críticas à Relação

Segundo o Supremo Tribunal de Justiça, a conclusão da Relação do Porto é polémica ao refutar os factos imputados ao arguido no caso. Isto porque os factos provam uma acção física violenta exercida pelo arguido sobre a ofendida, de modo a obrigá-la quer ao coito quer ao à cópula. Para o STJ, o arguido estava com plena consciência sobre o estado depressivo e gravidez da vítima, aproveitando o facto para a coagir sexualmente. Deste modo, o STJ considera que o conceito de violência utilizado no acórdão da Relação viola os princípios da dignidade humana e da igualdade, bem como as normas constitucionais e civis que protegem a personalidade humana no seu direito à integridade física e moral.

"Deslocando a responsabilidade do autor para a vítima, o Tribunal recorrido [Relação do Porto] admitiu que é penal e civilmente lícito forçar uma mulher a ter sexo contra a sua vontade, conclusão contrária à lei penal, civil e à Constituição", consideram o STJ



Supremo censura decisão do Tribunal da Relação



APAV promove formação para apoio a idosos

VIOLÊNCIA Sensibilizar e intervir junto de pessoas idosas vítimas violência ou crime são os principais objetivos do projeto Títono (In)Formar, apresentado hoje pela Associação de Apoio à Vítima (APAV). O vice-presidente da associação, João Lázaro, contou ao DN: "Constata-se que tem havido mais violência para com pessoas idosas." No dia em que também se comemora o Dia Europeu da Vítima de Crime, o vice-presidente da APAV afirma: "Há falta de informação sobre o que fazer em casos de violência e que recursos as vítimas podem usar."

O projeto, que engloba ações de sensibilização e de formação, destina-se a técnicos que convivem com idosos vítimas de violência e crime, "para dar resposta a vários pedidos de formação, por instituições e associações", acrescentou João Lázaro. Este programa surge no seguimento de outro, Títono [figura mitológica grega, filho de Príamo, rei de Tróia], desenvolvido em 2011 e que promoveu ações de sensibilização e formação e a feitura de um manual de apoio às vítimas idosas. O projeto, apresentado hoje, é um aprofundamento do seu antecessor que permite "melhorar as capacidades de compreensão e intervenção dos técnicos", referiu o vice-presidente. João Lázaro disse ainda que este é um projeto extensível a todo o território nacional, "de norte a sul, do litoral ao interior", ligado aos vários gabinetes da APAV espalhados pelo País.

Segundo estatísticas da APAV, entre 2000 e 2010 houve um aumento de 110% do total das pessoas idosas vítimas de crime. Ao longo de uma década, a associação recebeu 5500 idosos vítimas de crime. A apresentação de Títono (In)Formar é às 11.00 na sede da APAV, em Lisboa. As intervenções são de João Lázaro e Mercedes Balsemão, que representa a parceria com a SIC Esperança.



MARIA ROSETA FERREIRA fala em exclusivo à Lux sobre o processo de violência doméstica

“Fiquei muito mais amargurada,,

Maria Roseta

Ex-companheira de PACO BANDEIRA diz que esta foi uma luta “muito solitária”

Ao longo do seu depoimento, Maria Roseta foi fazendo várias acusações a Paco Bandeira, entre elas, a de que é “um castrador e um mentiroso compulsivo”



O sorriso tímido que tinha há dez anos já não existe. Maria Roseta Ferreira, de 50 anos, é hoje uma mulher de expressão dura. Resultado, garante, dos anos de tormenta que passou junto de Paco Bandeira, de 66. “Claro que nunca mais consegui ser feliz. Nós somos resultado do que vivemos. Há marcas que ficam. E eu fiquei muito mais amargurada”, desabafou numa conversa com a Lux. De costas viradas para o músico, sentado no banco dos réus, Maria

Roseta relatou, no passado dia 16, os anos de violência doméstica que garante ter sofrido. O seu depoimento perante o coletivo de juízas do Tribunal de Oeiras continua no próximo dia 2 de março. Mas, entretanto, a técnica do Hospital Prisional de Caxias disse à Lux que espera que esta fase termine “o mais rapidamente possível”. “Não quero esta pressão em cima de mim. Quero pôr um ponto final nisto, porque tem sido uma tortura. E eu e a minha filha precisamos de paz”, afirmou à Lux. Antes, porém, quer que se faça justiça.

“Exijo respeito por mim, e quero que esse respeito seja reposto”, disse, com a mesma firmeza com que falou em tribunal sobre a sua vivência com o cantor e pai da sua filha, Maria Constança, de 13 anos. Pontualmente, direcionava a voz para o lado, como que a dirigir-se ao arguido, dizendo: “E o Paco sabe que isto é verdade.” A voz falhou-lhe quando recordou o momento em que o então companheiro lhe apontou uma arma à cabeça, enquanto ela segurava a filha ao colo, na altura com 3 anos. “Eu só lhe dizia: ‘Paco, não me mates’, mas

sem olhar para ele, para evitar confrontação. (...) E ele vem com a arma apontada a mim e, com o braço esquerdo, agarra a Constança e cola-me a arma ao meu lado direito, ao mesmo tempo, consegue tirar a filha e afasta-se da casa”, lembrou, com a voz embargada. Em desespero, ligou para a amiga Helena Mendes, na altura mulher de Armando Vara. Terá sido este a telefonar ao amigo Paco e a acalmá-lo. O episódio ocorreu depois de uma alegada provocação de Paula, a segunda filha do cantor. Com esta a relação



“Quero pôr um ponto final nisto, porque tem sido uma tortura. Eu e a minha filha precisamos de paz,, Maria Roseta

Maria Roseta disse que tinha engravidado de Paco Bandeira logo no início da relação, mas optou por abortar. Não quis fazê-lo quando, um ano e pouco depois, engravidou de Maria Constança. Esclareceu ainda que o cantor nunca lhe pediu que abortasse



de Maria Roseta tornou-se complicada. Já com a mais velha, São, trocava confidências. “Ainda hoje ela continua a fazer-lhe uma acusação gravíssima, embora entre nesta casa de braço dado com ele”, atirou, deixando no ar que seria sobre a polémica morte da primeira mulher do cantor, que se suicidou em 1996, no quarto do casal e na presença do marido. Por achar que este acontecimento teria afetado demasiado o cantor, foi desculpando os primeiros sinais de alegada manipulação e maus tratos, explicou. “Até certa altura, menosprezei a

capacidade de maldade dele, depois passei a ter medo”, disse Maria Roseta. Mesmo assim, foi aguentando, e até tentou convencer o ex-companheiro a ser visto por um psiquiatra. Tudo porque acreditava que conseguiria “construir um lar para a filha”. Depois ainda tentou manter a relação até a filha completar 12 anos, idade em que teria vontade em tribunal para dizer que não queria ficar com o pai. Cedeu antes, em 2009, pois foi avisada pela Associação de Apoio à Vítima (APAV) de que estava a “arriscar demais”, explicou.

Desde então, tem sofrido com este processo que acusa o cantor de violência doméstica, maus tratos à filha menor, posse ilegal de arma e devassa da vida privada. “Foi uma luta solitária. Mas eu sou uma pessoa determinada, sem me vitimizar. Tenho a sorte de ter autoestima”, disse à Lux. Não a suficiente para refazer totalmente a sua vida. Principalmente, no que toca ao amor. “Isso é a última coisa que me preocupa. Só quero pensar no meu trabalho e na minha filha”, respondeu. A menor, garantiu, está “mais tranquila”.

E no dia do seu depoimento, disse-lhe: “Mãe, coragem, que a verdade vence sempre.” “Ela ama o pai, mas teme-o”, salientou em tribunal, ressaltando que, no entanto, ainda hoje tenta fomentar a relação entre eles. Mesmo sabendo que isso só prolonga o seu sofrimento. “O Paco será sempre o pai dela”, rematou sobre um possível fim para esta fase de “tortura”. Confrontado com o depoimento da alegada vítima, o cantor não quis prestar declarações. ■

texto Vanessa Barros Cruz (redaccaolux@lux.iol.pt)
fotos Artur Lourenço



Ponto em Destaque

Violência doméstica - O que fazer?

Pedir socorro e/ou procurar refúgio e auxílio de vizinho ou outras pessoas.
Procurar ser tratada e observada num hospital.
Apresentar queixa ou fazer denúncia.
Uma boa opção é procurar e obter informações junto de estrutura e serviços especializados na Violência Doméstica.
Linha telefónica gratuita: 707 200 077
Mais informações em www.apav.pt.



O perfil mais frequente em casos de violência doméstica é:
Mulher [casada = 85% / união de facto 53%] | 25 a 45 anos [53%] | Habilitações = ou < 9º ano [72%] | Ativa ou empregada [54%] | Não depende economicamente do agressor [77%] | Já foi vítima de violência doméstica no passado [51%]

O perfil do agressor normalmente é:
Homem [casado = 88% / união de facto 54%] | 25 a 45 anos [57,8 %] | Habilitações = ou < 9º ano [78%] | Ativo ou empregado [54%] | Não depende economicamente da vítima [86%] | Possui ou usa arma [16%] | Consome álcool habitualmente [46%] | Consome drogas habitualmente [11%]

As causas frequentes de agressão:
É física [76%] e também psicológica [56%] | É precipitada pelo consumo de álcool ou drogas [34%] | É motivada por questões económicas [14%]

A violência doméstica traduz-se em ferimentos ligeiros na vítima, em 45% dos casos é presenciada por menores.



Testemunho

A mudança na minha vida

«Na minha opinião, a mudança é boa quando se muda para melhor e não para pior, porque para mim tem que ser sempre para melhor.
Há três anos, conheci o pai do meu filho e foi a pior coisa que me podia ter acontecido. Ao princípio, quando começámos a namorar, ele era carinhoso comigo mas, quando engravidei, começou a ser agressivo verbalmente. Até que um dia, estava grávida de quatro meses, fomos a uma festa onde dancei com um amigo. Ele ficou chateado e queria-me obrigar a entrar no carro com ele a conduzir bêbedo. Eu só dizia que não ia. Só se fosse eu a conduzir. Foi então que ele me agarrou à força e me mandou um estalo. No entanto, uns rapazes que sabiam que eu estava grávida agarram-no e tiraram-lhe as chaves e deram-mas para me ir embora. Mas, no dia seguinte, ele apareceu em casa e andou uns dias calmo. Passado algum tempo voltou a agredir-me com chapadas. Pior foi quando eu estava de oito meses e ele me agrediu de forma a ter que ser assistida no hospital. Passados 15 dias nasceu a coisa mais importante da minha vida: O MEU FILHO. Ele só o foi ver uma vez ao hospital e foi só para o registar. Quando o meu filho tinha quinze dias apanhei-o a abanar o meu filho só porque ele não se calava e tentei voltar a expulsá-lo mas ele continuou a ameaçar-me, até que comecei a dar-me bem com a minha cunhada e pedi-lhe ajuda para o expulsar e ela ajudou-me. Hoje em dia estou melhor. Tenho o meu filho de boa saúde e arranjei um namorado que lhe dá carinho como um pai deve ser para com um filho.»

Beatriz, 24 anos
(nome fictício)

Testemunho

Labirinto com saída 4 anos depois

«Vou contar um pouco da minha história na qual fui vítima de violência doméstica durante quase quatro anos. Tinha 16 anos quando conheci um rapaz que eu pensava que era o homem da minha vida. Era tudo muito lindo no início do nosso namoro. Até um dia... Comecei a sentir-me no meio de um labirinto onde não encontrava saída para o meu problema. Ele tinha atitudes estranhas. E eu comecei a ter medo das reações dele. Ele chamava-me nomes, amarrava-me... Eu pensava, eu acreditava, que ele fosse um dia mudar, mas enganei-me. Em 2009 descobri que estava grávida de um menino. Cheia de esperança que as atitudes e reações dele fossem mudar com o nascimento do meu filho, fui aguentando o que ele me fazia, mesmo estando grávida. Hoje o meu filho tem 21 meses e é uma criança que não pode ver ninguém a agarrar-me pois começa logo a chorar, com medo de que me façam mal. Por mais que eu gostasse dele tive que pôr um fim nesse relacionamento porque uma mulher não é obrigada a ser maltratada pelo marido ou companheiro. Hoje encontro-me numa instituição de apoio à vítima de violência doméstica com o meu filho. Para todas as mulheres que sofrem de violência doméstica, não deixem que façam de si um boneco porque, depois de uma chapada, vem sempre muito mais que isso. DIGA NÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Nós, mulheres, temos o direito a viver a nossa vida. Não se escondam atrás dos medos ou dos silêncios.»

Sofia, 20 anos
(nome fictício)



Violência doméstica em Portugal

Violência dentro de portas não é forma de vida

Os dados conhecidos e divulgados, sabe-se, não espelham todas as realidades existentes dentro de portas. Quem sabe se não existe um caso na sua freguesia, na sua rua ou até na casa ao lado?
Queda, encontrão ou depressão são algumas das muitas justificações que são dadas quando se pergunta como fez esta ou aquela pisadura, este ou aquele corte. Segundo dados revelados pela APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, no distrito de Aveiro, ao qual pertence o concelho de Vagos, foram registados 302 crimes em 2010, dos quais 257 (85%) dizem respeito à violência doméstica. Destes, 93 são maus tratos psicológicos, 76 são maus tratos físicos, 50 referem-se a ameaças, 20 a injúrias e 8 a ofensas sexuais.
Mas o que é afinal a violência doméstica? Os esclarecimentos fundamentais foram compilados num trabalho realizado pelos formandos do CEF - Téc-

nicas Prático-Comerciais (promovida por SegurHigiene Lda em parceria com Certifer - consultadoria e Formação Lda), no âmbito do módulo Cidadania e Mundo Atual, que O PONTO agora publica.

“Informar para mudar”

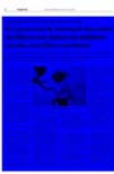
O número de queixas por violência doméstica em Portugal tem vindo a aumentar na última década. Este tema tão atual tem vindo a originar vários trabalhos de investigação e sensibilização com recurso a dados oficiais. O que é a violência doméstica? Designa-se por “violência doméstica” todo o tipo de agressões que existe no seio de uma relação familiar. Violência doméstica pode ser violência psicológica ou/e mental, que inclui agressões verbais, perseguição, clausura, privação de recursos físicos, financeiros e

de contactos com familiares ou amigos. A violência doméstica atinge crianças, mulheres, idosos, deficientes ou doentes. No entanto é nas mulheres que se concentram os esforços de erradicação da violência doméstica porque é sobre elas que recai a esmagadora maioria dos casos de violência. Em muitos casos chega à agressão física, que pode ir das violações, empurrões, beliscões, pontapés e espancamentos, até à morte.

Conclusão

Se é vítima de violência doméstica procure o mais rápido possível ajuda a quem lhe esteja mais próximo e que seja merecedor da sua confiança.

NUNCA SE ESQUEÇA:
“A diferença entre o possível e o impossível está na vontade humana.”
(Louis Pasteur)



ID: 40364308

23-02-2012

A propósito do Dia Europeu da Vítima de Crime

352 processos de vitimação têm maior incidência nos Açores em mulheres casadas, com filhos e profissão

A violência doméstica lidera os pedidos de ajuda e a vitimação continuada impôs-se em 76,2% dos casos, espelhada numa duração que varia entre os 2 e os 6 anos. Em 6,5% das situações houve recurso e/ou ameaça com arma.

Ontem assinalou-se o Dia Europeu da Vítima de Crime, instituído pelo fórum europeu, que reúne serviços de apoio à vítima nacionais de mais de 16 países europeus, o actual Victim Support EUROPE, para lembrar e assinalar os direitos de quem é vítima de crime. Nos Açores, a efeméride passou em branco, mas os números estatísticos não, embora ainda só sejam conhecidos os factos criminosos relativos a 2010, divulgados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

De acordo com um relatório publicado pela APAV, no ano de 2010 o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada (GAV) registou um total de 352 processos de apoio, mas foi no mês de Março que a Unidade recebeu o maior número de contactos 53 (15,1%).

A ilha de residência das vítimas era, na sua maioria, de São Miguel (53,3%), sendo que o concelho foi na sua maioria o de Ponta Delgada (70,7%), ao que se segue Ribeira Grande (15%), logo seguido de Angra do Heroísmo (2,9%). Depois aparece Lagoa (2,1%) e com idêntica percentagem as Lajes do Pico e São Roque do Pico (2,1%) e Povoação (1,4%). Velas e Calheta de S. Jorge, Horta e Lajes das Flores apresentam (0,7%) os últimos lugares da percentagem de residentes que contactou a APAV.

Contacto telefónico é o mais usual

O tipo de contacto preferido pelos utentes foi o telefónico (56%), seguido do contacto presencial (41%), tendo sido maioritariamente realizado pelo próprio utente (65%), seguindo-se o contacto de familiares (18,4%). Em mais de metade (79%) dos processos de apoio não foi necessária intervenção na crise (processo de apoio pontual), a fim de contribuir para a redução do stress emocional excessivo do utente.

Os dados estatísticos divulgados referem que no GAV de Ponta Delgada foi possível apurar que 100% dos processos iniciados foi verificada a existência de crime.

As vítimas de crime assinaladas eram, em 87% dos casos, do sexo feminino e situavam-se, em termos de faixa etária, entre os 26 e os 45 anos de idade (41,1%), sendo que – diz ainda o relatório – até recorrerem ao GAV a grande maioria dos utentes tinha o



Maus tratos físicos e psicológicos na origem das queixas/denúncias dos utentes da GAV

apoio familiar (48,5%) e da rede de amigos (14%).

A maioria dos utentes apresentava um tipo de família nuclear com filhos (47,2%) e um nível de ensino entre o 1º e o 3º ciclo (35,1%), e genericamente, os utentes encontravam-se profissionalmente numa situação estável, uma vez que 42,5% estavam empregados/as, sendo que 33,6% destes, trabalham por conta de outrem. Dadas as características intrínsecas ao trabalho que é desenvolvido pelo GAV, 92% das vítimas de crime são de nacionalidade portuguesa, daí apenas terem sido apuradas 2% de nacionalidade estrangeira. Ainda que não exista uma forte amplitude relativamente à nacionalidade dos utentes o relatório da APAV refere que é possível destacar a nacionalidade brasileira (40%).

O documento dá ainda conta que as relações familiares entre vítima e autor do crime são as mais comuns, destacando-se as de cônjuge (40,2%) e a de pai/mãe (8,9%). No que diz respeito à caracterização dos autores dos crimes denota-se uma prevalência do género masculino (76%), com idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos.

O tipo de autor é fundamentalmente pessoa singular, com uma percentagem significativa de 87,9%. Em termos familiares encontra-se casado/a (46,7%) ou divorciado/a

(10,7%).

De entre os vários de níveis de ensino, o 1º ciclo (10%) do/a autor/a do crime é aquele que se destaca face aos restantes.

Tal como a tendência verificada na caracterização da vítima, também o autor/a do crime se encontra numa situação profissional estável, estando à data empregado/a (40,7%) e a trabalhar por conta de outrem (28%).

Alcool é a causa principal

Ao contrário do que acontece no caso das vítimas, o documento refere que 50% dos autores/as de crime são de nacionalidade portuguesa e que o nível dos comportamentos aditivos, a dependência do álcool foi aquela que teve maior destaque (31,8%).

A vitimação continuada impôs-se em 76,2% dos casos, espelhada numa duração de vários anos e em termos de duração, entre os 2 e os 6 anos (21,5%).

Aquando da prática do crime, na maior parte dos casos (47,2%), não houve recurso a arma. Contudo, deve ser destacado que em 6,5% das situações houve recurso ao uso efectivo ou ameaça com arma.

O local do crime, dada a relação familiar entre vítima e autor/a do crime, foi, em 58,1% das situações, a residência comum,

seguido da via pública (9,8%) e da residência da vítima (11,6%). Em termos criminais a APAV regista os crimes distribuindo-os por 6 categorias, designadamente os crimes contra pessoas e a humanidade, de violência doméstica, os crimes contra o património, contra a vida em sociedade e o estado, os crimes rodoviários e outros crimes.

A categoria de crime com maior percentagem de registos foi a do crime de Violência Doméstica (88,7%), sendo que os crimes de maus tratos psicológicos (30,2%) e maus tratos físicos (21,6%), seguido de ameaças e coacção (20,8%) foram os que mais se destacaram.

Apesar de em 36,4% dos casos, os utentes denunciarem o crime que sofreram às autoridades aquando do primeiro contacto com o GAV de Ponta Delgada, em 46,7% das situações registadas não foi efectuada queixa/denúncia do crime, regista o relatório, para acrescentar que dos sujeitos que denunciaram o crime às autoridades, a PSP foi o local que recebeu a maior percentagem de queixas/denúncias por parte dos utentes do GAV de Ponta Delgada (33%).

Das queixas/denúncias apresentadas, uma percentagem significativa encontra-se em fase de inquérito (11,1%). No entanto é de salientar que houve 2,7% de desistência.

Das denúncias efectuadas, uma percentagem significativa foi feita à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (46%).

Apoio jurídico é o mais procurado

No que diz respeito ao tipo de apoio prestado o apoio jurídico esteve próximo da faixa dos 50%, mais precisamente com um registo de 54% seguindo-se o apoio social (17%).

No apoio especializado da área jurídica, a prestação de informação jurídica esteve em destaque com 64,5 pontos percentuais, seguido do apoio ao preenchimento do requerimento de protecção jurídica (12,5%).

A intervenção psicológica pontual aproximou-se dos 60%, mais precisamente 62%. Já no que se refere ao apoio social, outros apoios sociais em articulação com outras entidades destacou-se face aos restantes (25,3%). O apoio ao alojamento deve ser também destacado (39,7%), pode ler-se ainda no relatório.

Nélia Câmara

Meios&Publicidade



Quem Somos
Jornal Meios & Publicidade
Assine o Jornal
Publicidade no M&P
Feed RSS



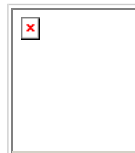
Registe-se no Meios & Publicidade e receba a nossa Newsletter

HOME MEDIA MARKETING PUBLICIDADE EMPREGO & FORMAÇÃO
PROTAGONISTA CONSELHO DOS NOTÁVEIS OPINIÃO VÍDEOS

MEDIA, MEDIA :: NOTÍCIAS

SIC Esperança ajuda idosos vítimas de violência

23 de Fevereiro de 2012 às 00:43:18, por ELSA PEREIRA



No âmbito do seu mais recente projecto intitulado Natal É Quando Quisermos, a SIC Esperança lança mais uma iniciativa, o Projecto Títano (In) Formar, que tem como principal objectivo "consciencializar a sociedade civil para a sua importância na atenuação dos problemas sociais".

Em parceria com a APAV, esta acção visa "combater uma lacuna sobre a intervenção e prevenção de situações de violência e crime contra pessoas idosas". Para o efeito "serão desenvolvidos seis cursos de formação direccionados a profissionais de diversas áreas que lidam diariamente com este tipo de situações e a realização de 10 acções de sensibilização à população em geral".

[Share](#)

Notícias Relacionadas

- [SIC Esperança promove bolsas de estudo de música](#)
- [SIC Esperança quer estender espírito natalício ao ano inteiro](#)
- [Últimas candidaturas para Prémio SIC Esperança-Rock in Rio Escola Solar](#)
- [Acreditar vence Prémio SIC Esperança – Rock in Rio Escola Solar](#)
- [Cupido e APAV contra violência nas crianças e jovens](#)

[imprimir](#)

PESQUISAR NO SITE

Assistência Assinantes
Jornal Meios&Publicidade

[Política de Privacidade](#) [Termos de Utilização](#) [FAQs](#) [Ficha Técnica](#) [Contactos](#) [Registo](#)

[Quem Somos](#) [Jornal Meios & Publicidade](#) [Anunciar no Meios & Publicidade](#) [Subscrever Newsletter](#)

Meios e Publicidade Publitis Construir Hipersuper Computerworld

Meios&Publicidade

© Copyright 2000-2010 MeiosePublicidade.pt. Todos os direitos reservados.



Renascença

Todos os sucessos e a melhor informação.

País

Mundo

Política

Economia

Religião

Cultura

Saúde e Ciência

Informação de A-Z

Espe

APAV lança projecto de apoio aos idosos



O objectivo é também informar os mais jovens.

22-02-2012 12:14

Partilhar 5

Like

Tweet 0

+1 0

Fonte

Imprimir

E-mail

Comentar

SAIBA MAIS

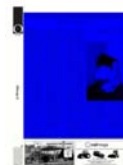
- Mais de 600 crimes de violência doméstica contra idosos

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) promove hoje, Dia Europeu da Vítima de Crime, um projecto de apoio a pessoas idosas, vítimas de crime e de violência.

O "Títono" tem como objectivo informar, através de acções de sensibilização e de formação, sobre um problema social cada vez mais frequente.

A iniciativa, dedicada aos idosos, vai andar no terreno e dirige-se também aos mais jovens.

"Sabemos que os jovens, nas várias faixas etárias, serão daqui a uns anos pessoas idosas e quanto mais nós sensibilizarmos para esta temática melhor", defende Maria Oliveira da APAV.



saúde na comunidade

dia europeu da vítima de crime

O Dia Europeu da Vítima de Crime foi instituído pelo fórum europeu, que reúne serviços de apoio à vítima nacionais de mais de 16 países europeus, o actual Victim Support EUROPE, para lembrar e assinalar os direitos de quem é vítima de crime. Trata-se também de um tema que tem merecido uma particular atenção da União Europeia que, ao nível do Conselho, se encontra a discutir esta matéria.

A 22 de fevereiro comemorou-se o Dia Europeu da Vítima. Nos momentos de dor e sofrimento toda a ajuda é pouco para quem se vê afectado por catástrofes, ameaças e as mais variadas formas de violência.

As pessoas que são vítimas de crime, muitas vezes não sabem ou têm dúvidas sobre o que fazer. Necessitam portanto de alguém que, de uma forma amiga e solidária, as possa escutar, compreender e ajudar, tendo em conta a sua própria vulnerabilidade e fragilidade profilática.

Neste sentido iremos abordar, neste artigo, de forma sistémica, o contributo como forma de resposta a nível nacional, nomeadamente realçando aqui o contributo da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), funcionando como um veículo de informação e acompanhamento das pessoas sobre os seus direitos e como exercê-los.

Na APAV, as vítimas de crime têm encontrado resposta às suas necessidades específicas. Em virtude da sua intervenção e apoio, é procurada por um número crescente de cidadãos, na sua rede nacional de Gabinetes

de Apoio à Vítima. Desde 1990, têm prestado apoio a um número cada vez maior de vítimas de crime, cerca de 73.000 processos de apoio, que segundo dados estatísticos da própria fonte se traduzem num universo estimado de 150.000 pessoas que de alguma forma são ou foram vítimas de crime e seus familiares, nomeadamente as mais desfavorecidas social e economicamente.

Neste contexto, o apoio é prestado a todas as vítimas de todos os tipos de crime, sendo que predominem estatisticamente as vítimas de crimes contra as pessoas com existência de violência (maus tratos; ameaças; crimes sexuais; violência doméstica; entre outros. Mais recente, estão a ser apoiadas cada vez mais vítimas e seus familiares, de crimes de furto, no exterior e dentro dos seus próprios domicílios. Ressaltamos aqui também as burlas, abuso de confiança, falsificação de documentos, e outros crimes contra a propriedade privada.

A APAV, tem ao dispor do cidadão, de forma gratuita e especializada, o conhecimento tendo em conta as necessidades específicas, reconhecidas nos utentes que recorrem ou possam recorrer aos seus serviços, nomeadamente promovendo-se três tipos de apoio: apoio jurídico; psicológico; e social.

O apoio é, assim prestado por um conjunto de técnico, com formação e preparados para poderem informar com qualidade e que responda adequadamente às diferentes necessidades das vítimas de crime.

Relativamente ao apoio jurídico, este é prestado

pelos serviços de apoio à vítima, com os seguintes objectivos: informar a vítima de crime sobre os seus direitos; elucidar acerca das várias etapas dos processos judiciais; auxiliar a vítima a elaborar requerimentos e fundamentações processuais que ela possa por si assinar. O apoio psicológico pode ser prestado ao utente vítima e/ou familiares que sofram directamente os efeitos do crime para dessa forma avaliar a situação de risco psicológico e o grau de sofrimento emocional, ajudando o utente a reconhecer as suas competências que já possui e a encontrar formas de as pôr em prática, de forma a minimizar o seu sofrimento e prevenir futuras situações de vitimação. O apoio social tem entre outros os seguintes objectivos, nomeadamente, fazer o diagnóstico das necessidades sociais da vítima de crime e das suas famílias, tanto ao nível habitacional, educacional, emprego e formação profissional; informar a vítima acerca dos vários recursos sociais existentes na comunidade; refletir e explorar com a vítima, os recursos sociais mais adequados ao seu problema. Também dentro desta vertente é, prestado auxílio à vítima no contacto, presencial ou não com outros serviços e instituições, no sentido de otimizar os recursos mais adequados para esse mesmo processo de apoio.

Neste sentido a APAV desempenha um papel importante, como resposta ou porto de abrigo para quem de alguma forma seja vítima de crime e necessite de apoio.

Podemos ainda como forma de reflexão, tendo em

“a violência é o último refúgio do incompetente”- (isaac asimov)



violência doméstica tem vindo a aumentar significativamente

conta o assinalar deste dia, que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), todos os seres humanos independentemente do seu género, raça, etnia, nacionalidade, religião ou qualquer outra característica, têm direitos que são inerentes à sua natureza e sem os quais não podem viver.

Os direitos que devem ser assegurados aos Homens foram aprovados e proclamados a 10 de dezembro de 1948, na Declaração Univer-

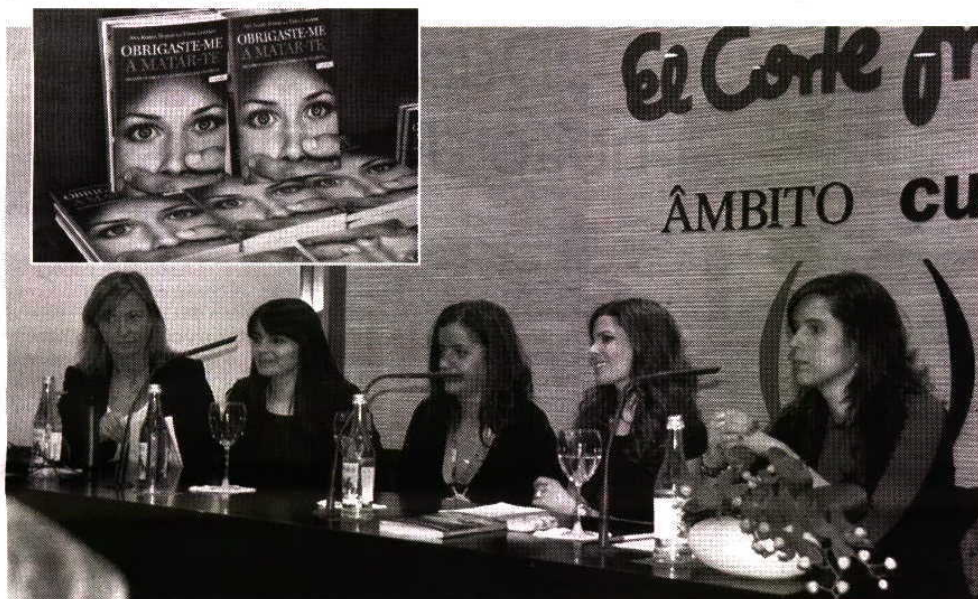
sal dos Direitos do Homem (DUDH). Porém, apesar da existência da DUDH, continua a verificar-se no plano mundial um conjunto de valores que são reputados de essenciais e não são garantidos à população.

Neste sentido cabe a cada um de nós refletir, não só neste dia, mas nos restantes dias, nomeadamente: “cada um de nós pode ser, num dado momento da vida, vítima de um crime.”

HISTÓRIA FICCIONAL DE MULHERES REAIS

“Obrigaste-me a matar-te” pretender ser um alerta de consciências

“Esta podia ser a história de qualquer Maria”. É assim que Sónia Araújo definiu o livro “Obrigaste-me a matar-te”, das jornalistas Ana Isabel Afonso e Tânia Laranjo, que foi apresentado no passado dia 16 no El Corte Inglés. Uma viagem na primeira pessoa ao mundo da dor e do sofrimento é o que estas duas jornalistas apresentam agora ao público num livro que pretendem que “alerte consciências”. “Se este for um contributo para ajudar, pelo menos uma Maria que seja, então já cumprimos o nosso papel”, afirmou Ana Isabel Fonseca.

**Por Joana Vasconcelos**

Maria. Este é o nome da personagem de “Obrigaste-me a matar-te”, das jornalistas do Correio da Manhã, Ana Isabel Fonseca e Tânia Laranjo. Mas a história de Maria poderia ser a da Ana, da Sofia, da Francisca ou da Joaquina. Este é o relato na primeira pessoa de uma mulher que sonhou com um casamento perfeito com Rui mas que acabou por viver um verdadeiro pesadelo durante décadas, até ao dia em que a coragem suplanta a dor e pega numa arma e mata o marido.

Os nomes são ficcionais mas os factos não. “Obrigaste-me a matar-te”, que foi apresentado no passado dia 16 no El Corte Inglés Gaia-Porto, baseou-se nas dezenas que relatos que as jornalistas foram ouvindo ao serviço da profissão. “É uma história ficcionada, mas com episódios bem reais. Não é um hino à violência mas, no limite, para defender a própria vida, pode ser legítimo”, explicou a jornalista Tânia Laranjo.

Utilizando a experiência em campo para fazer “este alerta”, as jornalistas admitem que queriam mais do que “ficar pelas notícias”, aproveitando para divulgar um fenómeno “que não é apenas

entre quatro paredes, mas que deve ser denunciado”. “Quando falávamos com os vizinhos eles diziam sempre que sabiam, que ouviam o barulho, mas não faziam nada. A comunidade tem de alertar para estes casos e a polícia tem de prestar mais atenção”.

Também a jornalista e autora Ana Isabel Fonseca apela a práticas que resolvam no imediato o problema. “É preciso que deixemos de procurar explicações. Acima de tudo, está na hora de encontrar soluções melhores porque os mecanismos nem sempre funcionam da melhor forma”.

“Mais do que jornalistas, é nosso dever enquadrar mulheres alertar consciências para este crime e tentar ajudar as mulheres que são vítimas. Se este for um contributo para ajudar, pelo menos uma Maria que seja, então já cumprimos o nosso papel”, afirmou Ana Isabel Fonseca.

A apresentação do livro esteve a cargo da apresentadora Sónia Araújo, que definiu a obra como “a história de muitas Marias deste país” a que não se pode “ficar indiferente”. A apresentadora aproveitou para alertar para o facto de serem necessárias “mais políticas de prevenção e proteção das vítimas”, já que mesmo

depois do crime se tornar público, “nem por isso as queixas aumentaram”. “É importante sensibilizar, educar, monitorizar, e as autarquias têm aqui um papel fundamental. Temos leis fantásticas, mas somos péssimos a aplicá-las”, referiu Sónia Araújo.

Também Marlene Fonseca, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) do Porto admitiu que o livro “é uma brilhante história” que identifica na perfeição o que se passa numa relação íntima violenta. “Ao ler, parecia que estava no meu local de trabalho a lidar com os casos diários. O livro apresenta todos os ciclos de violência, desde a fase da tensão em que Maria se apercebe que alguma coisa vai acontecer, passando pela fase do pedido de desculpas, que é o que mantém as relações”, explicou.

Marlene Fonseca referiu ainda que as autoras têm “uma clara noção do que é a violência doméstica” mas lembrou que, embora este livro tenha um “final feliz”, nem sempre é assim. “Maria foi absolvida, mas muitas mulheres na mesma situação não o são”.

Só em 2010, morreram 43 mulheres vítimas de violência doméstica em Portugal, sendo que 29 delas já tinham apresentado queixas na polícia.



ALERTA DA APAV

Uma em cada quatro jovens é vítima de violência no namoro

■ A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) alerta que um em cada quatro jovens é vítima de violência no namoro. Os números foram avançados durante uma acção de sensibili-

zação sobre "Violência no Namoro", que decorreu na Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Águeda.

A iniciativa, destinada a jovens dos 12 aos 16 anos, realizou-se no

âmbito dos Ateliers de Desenvolvimento de Competências daquela instituição, sensibilizando os jovens para os objectivos traçados na temática trimestral dos Ateliers, subordinada ao Respeito.

Nesta sessão foram abordados aspectos que os jovens têm de ter em conta quando iniciam a sua vida amorosa, de forma a saberem distinguir relacionamentos saudáveis e não saudáveis.

"Em Portugal estima-se que uma em cada quatro jovens é vítima de violência no namoro", referiu a responsável da APAV, sublinhando que as causas são normalmente os ciúmes possessivos, perturbações psicológicas, uso de álcool e drogas.

De acordo com a APAV, são várias as consequências de um relacionamento marcado pela violência desde perda de apetite, depressão, isolamento, sentimentos de culpa, ansiedade, baixo rendimento escolar ou abandono escolar entre outros culminando, muitas vezes no suicídio.



JOVENS ficaram a conhecer as causas para a violência no namoro

D.R.



APAV: “corta com a violência no namoro”

●●● Sendo certo que a maioria dos adolescentes portugueses estabelece relacionamentos de namoro positivos e saudáveis, é também verdade que quando tal não acontece e são confrontados com comportamentos de controlo e agressividade tendem a desvalorizá-los e a normalizar a sua utilização. O facto de os interpretar como meros actos de amor, de ciúme, de brincadeira e/ou de chamada de atenção poderá explicar a razão pela qual a maioria não procura ajuda quando enfrenta este tipo de experiências.

A APAV - Associação de Apoio à Vítima tem contribuído de forma decisiva para a visibilidade e tomada de consciência da problemática da vio-

lência no namoro. Em 2011, o trabalho de proximidade com as escolas assumiu cerca de 71 por cento do esforço de sensibilização e informação realizado pela rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e de voluntariado, chegando a um universo de 15.847 alunos.

Mas, e porque prevenir é mais do que sensibilizar e informar, as escolas devem consolidar práticas de educação para a saúde e para a cidadania, não apenas através do recurso pontual a entidades exteriores às escolas como parceiras deste investimento, no qual a APAV obviamente se tem visto envolvida, mas também pela inclusão obrigatória destes conteúdos nos currículos dos alunos.